

**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES  
DIRECCIÓN DE POSTGRADOS**



**Diálogos sobre gênero e diversidade sexual no ambiente escolar  
do Colégio Estadual Fernando Spínola**

**Robson Dantas Alves**

**Asunción - PY  
Dezembro de 2016**

**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES**  
**DIRECCIÓN DE POSTGRADOS**



**Linha de Pesquisa: Currículo, Ensino e Aprendizagem (CEA)**

**Diálogos sobre gênero e diversidade sexual no ambiente escolar  
do Colégio Estadual Fernando Spínola**

**Robson Dantas Alves**

Dissertação apresentada ao Programa de Postgrado da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales - FICS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Carlino Ivan Morinigo

**Asunción - PY**  
**Dezembro de 2016**

**MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**  
A COMISSÃO ABAIXO ASSINADA APROVA A DISSERTAÇÃO:

**ROBSON DANTAS ALVES**

**Diálogos sobre gênero e diversidade sexual no ambiente escolar**  
**do Colégio Estadual Fernando Spínola**

COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE  
MESTRE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

---

Dr. Carlino Ivan Morinigo

**ORIENTADOR**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Ismael Fenner

**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES**

---

Prof. Dr. Carlino Ivan Morinigo

**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES**

---

Prof. Dr. Ricardo Morel

**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES**

**Asunción – Paraguay**  
2016

Dedico a minha família, sobretudo, a meu irmão Regis, companheiro e amigo de todas as horas, exemplo de determinação e coragem. Com eles aprendi desde cedo o valor inestimável do estudo e do trabalho; igualmente, me fizeram perceber que é na simplicidade das pequenas coisas que se encontra a essência do sucesso.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. Com Ele toda a existência tem um valor significativo alicerçado no amor, sentimento mais nobre e puro por excelência, que nos remete aos ensinamentos do Mestre Jesus, convidando-nos diariamente a germinar a semente do bem, educando os nossos sentimentos, os nossos pensamentos e, finalmente, nos reformando moralmente.

À minha família, que sempre torceu e acreditou na conquista de meus objetivos.

A meu companheiro Walter, que me fez perceber que não existem obstáculos para o amor e na união de corações sinceros. Com ele, compartilho as maiores e melhores emoções e aventuras já vividas.

Aos amigos do Núcleo Espírita Jesus de Nazaré, especialmente aos que integram o grupo de Estudos Avançados da Doutrina Espírita. Com eles, a certeza de nunca estarmos na condição singular somada à esperança crescente de tempos melhores se renovam diariamente.

Aos(às) amigos(as) Cláudia Pontes, Fátima Lima, Débora Soares, Ivanêlza Nepomuceno, Gilmar Pivetta, Kátia Coutinho, Kelly Anne, Nilza Campos, Tatiana Bomfim, Lucas Santos, Paulo Rogério, Rose Rocha e Sueli Melo. Com vocês o abraço, o sorriso e a alegria são elementos constantes da vida e tornam desta um lugar onde se tem um abrigo seguro.

Às companheiras de trabalho e amigas Beta e Caty, do Cursinho Pré-Vestibular Dom Climério. Com vocês e por meio da proposta de trabalho vinculada aos Agentes de Pastoral Negros (APNs) fortaleço a cada dia o ideal de superação das diferenças e do preconceito para que tenhamos uma sociedade mais salutar e que os direitos humanos sejam respeitados em sua plenitude.

À professora Lilian Moreira Cruz, que gentilmente me direcionou ao caminho que deveria ser trilhado, despertando as ideias iniciais que nortearam este trabalho.

À direção do Colégio Estadual Fernando Spínola, na pessoa de Kelly Cassia, vice-diretora do turno noturno, bem como à Professora Eutímia, regente da disciplina Ciências, na turma de EJA, que possibilitaram a realização das oficinas que serviram de base à metodologia desta pesquisa e consequente análise dos resultados.

Aos alunos da turma do 2º Tempo Formativo (EJA), Eixo IV Turma A do Colégio Estadual Fernando Spínola que concordaram em participar das Oficinas relacionadas às temáticas sexualidade, gênero e diversidades sexuais. Com eles foi possível a discussão e reflexão dos objetos da pesquisa em questão.

Ao quadro docente do CEFS que concordou em participar da pesquisa por meio da aplicação de questionários, bem como a todos os profissionais que atuam na Unidade Escolar. Com vocês, compartilho os desafios do ofício de ser educador e percebo que mesmo diante das dificuldades, a escolha foi certa.

Aos colegas mestrando pela calorosa recepção e pelo companheirismo durante toda a jornada, bem como ao coordenador Maurício Santana. Com vocês foi possível a superação dos desafios e a força para a concretização dos objetivos e finalização do Curso de Mestrado.

*“Alguns homens veem as coisas como são e dizem: Por quê?  
Eu sonho com as coisas que nunca foram e digo: Por que não?”  
(George Bernard Shaw)*

## RESUMO

Este estudo teve o objetivo geral de identificar as concepções/visões que os alunos e professores do Colégio Estadual Fernando Spínola têm acerca da relação gênero, sexualidade e diversidade com o intuito de oferecer uma análise das possíveis contribuições do currículo para a superação dos preconceitos em relação à diversidade sexual e de gênero. Em relação à metodologia foi realizado um estudo descritivo, com abordagem metodológica qualitativa e quantitativa. A pesquisa foi realizada no município de Vitória da Conquista, na Bahia, especificamente numa turma de 12 alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Também participaram da pesquisa 30 professores de diversas disciplinas. Optou-se por colher informações tanto de professores quanto dos alunos para que fosse possível confrontarmos a visão de ambos sobre as questões de gênero, diversidade, identidades sexuais, homofobia e sexualidade. Concluiu-se que são muitos os desafios para que os professores consigam desenvolver as habilidades para promover a instrução necessária que os alunos precisam para compreender a diversidade de gêneros. Há um mito que o sexo não deve ser discutido na sala de aula, o que aumenta as divergências entre as diversidades sexuais existentes. O professor precisa estar preparado para mediar a questão da sexualidade, de uma forma a aproximar os alunos e diminuir as diferenças.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação. Diversidade de gêneros

## RESUMEN

Este estudio tuvo el objetivo general de identificar las concepciones / visiones que los alumnos y profesores del Colegio Estatal Fernando Spínola tienen acerca de la relación género, sexualidad y diversidad con el propósito de ofrecer un análisis de las posibles contribuciones del currículo para la superación de los prejuicios en relación a la diversidad sexual y de género. En relación a la metodología se realizó un estudio descriptivo, con abordaje metodológico cualitativo y cuantitativo. La investigación fue realizada en el municipio de Vitória da Conquista, en Bahía, específicamente en una clase de 12 alumnos de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). También participaron en la investigación 30 profesores de diversas disciplinas. Se optó por recoger información tanto de profesores y de los alumnos para que fuera posible confrontar la visión de ambos sobre las cuestiones de género, diversidad, identidades sexuales, homofobia y sexualidad. Se concluyó que son muchos los desafíos para que los profesores consigan desarrollar las habilidades para promover la instrucción necesaria que los alumnos necesitan para comprender la diversidad de géneros. Hay un mito que el sexo no debe ser discutido en el aula, lo que aumenta las divergencias entre las diversidades sexuales existentes. El profesor debe estar preparado para mediar la cuestión de la sexualidad, para aproximar a los alumnos y disminuir las diferencias.

Palabras-clave: Sexualidad. Educación. Diversidad de géneros



## **ABSTRACT**

This study was the overall objective of identifying the concepts / views that students and teachers of Fernando Spínola State College have about gender relations, sexuality and diversity in order to provide an analysis of the possible contributions of the curriculum to overcome the prejudices against sexual and gender diversity. Regarding the methodology was a descriptive study, with qualitative and quantitative approach. The survey was conducted in the municipality of Vitoria da Conquista, Bahia, specifically a 12 students class of Youth and Adult Education (EJA). Also participated in the study 30 teachers from different disciplines. We chose to gather information from teachers and students to make it possible confront the vision of both gender issues, diversity, sexual identities, homophobia and sexuality. It was concluded that there are many challenges for teachers able to develop the skills necessary to promote education that students need to understand the diversity of genres. There is a myth that sex should not be discussed in the classroom, which increases the differences between existing sexual diversity. The teacher must be prepared for these mediate the issue of sexuality, one way to approach students and narrow differences.

Keywords: Sexuality. Education. Gender diversity

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1: Sexo</b>	<b>36</b>
<b>Gráfico 2: Idade</b>	<b>36</b>
<b>Gráfico 3: Escolaridade</b>	<b>37</b>
<b>Gráfico 4: Raça</b>	<b>37</b>
<b>Gráfico 5: Renda familiar</b>	<b>37</b>
<b>Gráfico 6: Religião</b>	<b>38</b>
<b>Gráfico 7: Orientação sexual</b>	<b>38</b>
<b>Gráfico 8: Políticas públicas voltadas para a comunidade LGBT</b>	<b>39</b>
<b>Gráfico 9: É a favor da união estável</b>	<b>40</b>
<b>Gráfico 10: O tema diversidade sexual seja abordado nas escolas</b>	<b>40</b>
<b>Gráfico 11: Conversão da orientação sexual de uma pessoa através de tratamentos médicos, psicológicos ou psiquiátricos</b>	<b>41</b>
<b>Gráfico 12: Em relação à orientação sexual, acredita que</b>	<b>42</b>
<b>Gráfico 13: Já presenciou preconceito e discriminação contra homossexuais</b>	<b>42</b>
<b>Gráfico 14: Se já presenciou, como se sentiu</b>	<b>43</b>
<b>Gráfico 15: Manifestação de carinho ou afeto realizada por casais heterossexuais em público</b>	<b>43</b>
<b>Gráfico 16: Manifestação de carinho ou afeto realizada por casais homossexuais em público</b>	<b>44</b>
<b>Gráfico 17: Disciplina que leciona</b>	<b>45</b>
<b>Gráfico 18: Quanto tempo leciona na escola</b>	<b>45</b>
<b>Gráfico 19: Sexo</b>	<b>46</b>
<b>Gráfico 20: Idade</b>	<b>46</b>
<b>Gráfico 21: Escolaridade</b>	<b>46</b>
<b>Gráfico 22: Raça</b>	<b>47</b>
<b>Gráfico 23: Renda familiar</b>	<b>47</b>
<b>Gráfico 24: Religião</b>	<b>48</b>
<b>Gráfico 25: Orientação sexual</b>	<b>48</b>
<b>Gráfico 26: Considera importante a existência de políticas públicas voltadas para a comunidade LGBT</b>	<b>49</b>
<b>Gráfico 27: É a favor da união estável</b>	<b>50</b>
<b>Gráfico 28: Acha importante que o tema diversidade sexual seja abordado nas escolas</b>	<b>50</b>

<b>Gráfico 29: Acredita na possibilidade da conversão da orientação sexual de uma pessoa através de tratamentos médicos, psicológicos ou psiquiátricos</b>	<b>51</b>
<b>Gráfico 30: Orientação sexual</b>	<b>52</b>
<b>Gráfico 31: Já presenciou preconceito e discriminação contra homossexuais</b>	<b>53</b>
<b>Gráfico 32: Se já presenciou, como se sentiu</b>	<b>53</b>
<b>Gráfico 33: Sobre a manifestação de carinho ou afeto realizada por casais heterossexuais em público</b>	<b>53</b>
<b>Gráfico 34: Sobre a manifestação de carinho ou afeto realizada por casais homossexuais em público</b>	<b>54</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>16</b>
2.1 As desigualdades e as questões de sexualidade	16
2.2 A questão da diversidade de gênero e a educação	17
2.3 Diálogo e transformação	21
2.3.1 A educação sexual e o currículo	24
2.3.2 A violência contra a comunidade LGBT	28
2.3.3 Políticas públicas de educação e as relações de gênero	29
<b>3 METODOLOGIA</b>	<b>34</b>
<b>4 ANÁLISE DE RESULTADOS</b>	<b>36</b>
4.1 Entrevista com os alunos	36
4.2 Entrevista com os professores	45
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>61</b>
<b>ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE ALUNOS</b>	<b>64</b>
<b>ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE DOCENTES</b>	<b>69</b>
<b>ANEXO 3 - SÍNTESE SOBRE AS OFICINAS APLICADAS COM OS ALUNOS</b>	<b>74</b>
<b>ANEXO 4 - OFICINA 1: UM CONCEITO CHAMADO GÊNERO</b>	<b>76</b>
<b>ANEXO 5 - OFICINA 2: FAMÍLIA HOJE</b>	<b>78</b>
<b>ANEXO 6 - OFICINA 3: É OU NÃO É?</b>	<b>80</b>
<b>ANEXO 7 - OFICINA 4: SITUAÇÕES DESAFIADORAS</b>	<b>82</b>
<b>ANEXO 8 - OFICINA 5: QUALQUER MANEIRA DE AMOR VALE A PENA</b>	<b>84</b>
<b>ANEXO 9 - OFICINA 6: DIVERSIDADES E VIOLÊNCIAS</b>	<b>86</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil tem uma sociedade marcada por diferenças de cor raça, gênero, classe, etnia e cheio de desigualdades sociais, onde ainda predomina o preconceito entre os diversos. A tolerância deveria ser algo disseminado dentro da cultura brasileira, haja vista que o Brasil é uma nação que foi formada por um somatório de culturas, que se constituiu numa sociedade híbrida, miscigenada.

Mas, mesmo com o advento da república e a inserção de várias constituições, muito pouco foi evoluído durante séculos para a inclusão de estudantes de forma igualitária dentro da cultura escolar. Considerações sobre as contribuições da inclusão de todos os alunos são estudos recentes, que começaram a ganhar mais ênfase no mundo acadêmico a partir da década de 70 e no Brasil, a partir dos anos 80 e 90. Com o desenvolvimento de uma corrente pedagógica principalmente defendida pelo educador Paulo Freire, começou no Brasil a disseminação de estudos sobre a pedagogia da inclusão e da pedagogia da autonomia, onde foi enfatizada a importância da democratização e do respeito à diversidade.

Em relação à diversidade sexual, se observa que algumas reflexões sobre a temática devem ser realizadas, além da questão igualitária entre homens e mulheres. Parte-se da observação que no âmbito escolar, as relações de gênero, sexualidade e diversidade têm pouca relevância na questão curricular, assim como nos cursos de formação de professores. Existe uma real dificuldade de compreensão sobre a questão das dimensões do gênero no cotidiano escolar, que pode ser atribuída pela complexidade na reflexão sobre a diversidade de gêneros, mas também pode estar relacionada a todas as desigualdades que são pouco contempladas pelas políticas públicas educacionais.

Acredita-se que a falta da abordagem de **gênero, sexualidade e diversidade** no currículo e na formação de docentes, influem nas práticas realizadas no cotidiano escolar, contribuindo, para a continuação da adoção de valores que continuam reafirmando as diferenças e acirrando o preconceito. É necessário superar a questão do acesso e fazer a introdução de políticas públicas educacionais que realmente incluam um tratamento igualitário de gêneros e de orientações sexuais, assim como a adoção de um currículo que despolarize o conhecimento centrado nas identidades de gênero que prejudicam o dia-a-dia das pessoas.

A busca da superação dos preconceitos é alicerçada na legislação brasileira, tendo como referência a Declaração dos Direitos Humanos. No campo da educação, temos os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) e a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) que

orientam a discussão dessa temática, bem como o desenvolvimento de ações inseridas na prática docente, provocando a reflexão e o diálogo dentro das escolas.

É importante destacar que o papel da escola é ensinar a pensar e provocar discussões reflexivas sobre as questões contemporâneas. Nesse contexto, cabe dizer que é função da escola trabalhar as questões de gênero e indicar a existência da diversidade sexual, de forma que não haja excludente. Enquanto professor das redes públicas estaduais e municipais, nas quais atuo, faz-se necessário dizer que o currículo das escolas deveria ser alinhado pautado na inclusão, mas, infelizmente, a realidade é bem diferente dos textos que norteiam a educação básica de nosso país. Comumente nos deparamos com discursos ou práticas que excluem ou separam, seja como uma avaliação, seja na forma de vestir, no comportamento ou qualquer outra forma de preconceito.

Por se tratar de uma temática polêmica e reconhecendo que a sexualidade está presente a todo instante em nossas vidas, desde conversas informais a literaturas diversas e até mesmo evidências marcantes na mídia, no contexto atual da sociedade, percebe-se a relevância desse projeto, correlacionando gênero, sexualidade, identidade de gênero e orientação sexual a partir de uma perspectiva inclusiva onde se reconheça e se respeite a pluralidade das identidades e dos comportamentos relacionados ao tema em questão.

Infelizmente, salvo raras exceções, os diálogos que envolvem a temática em questão não propiciam reais informações sobre seus significados e, muitas vezes, colaboram com o aumento de preconceitos e resistência às diferentes formas de expressão da sexualidade.

A sexualidade sem culpa, como um dos pressupostos para a construção da felicidade, possibilita o encontro afetivo entre as pessoas. Compreendê-la e aceitar os comportamentos sexuais próprios e de outros abre caminho para o exercício da responsabilidade da vida afetiva e sexual.

Tratar as diferenças da sexualidade como segredo ou de modo exacerbado – no caso da mídia – é perpetuar a ignorância que já temos. Desvendar esse segredo é oportunizar aos participantes a possibilidade de discussão de sua sexualidade de forma mais abrangente, e consequentemente, mais informada.

Dessa forma, o presente estudo versará sobre a inserção das temáticas gênero, diversidade e sexualidade no contexto escolar, sobretudo, no Colégio Estadual Fernando Spínola, no qual atuo como professor do Ensino fundamental. Pretende-se com este trabalho criar diálogos com os agentes envolvidos no ambiente educacional acerca das questões relacionadas.

Para desvelar os principais fatores socioculturais que determinam as atitudes e valores e permeia a sexualidade entre jovens e adultos, na contemporaneidade, a pesquisa girou em torno das seguintes questões:

- Que concepções/visões os alunos e professores do Colégio Estadual Fernando Spínola têm acerca da relação gênero, sexualidade e diversidade?
- A organização do currículo contribui ou não para a superação dos preconceitos em relação à diversidade sexual e de gênero?

É objetivo geral desse estudo: Identificar as concepções/visões que os alunos e professores do Colégio Estadual Fernando Spínola têm acerca da relação gênero, sexualidade e diversidade com o intuito de oferecer uma análise das possíveis contribuições do currículo para a superação dos preconceitos em relação à diversidade sexual e de gênero.

São objetivos específicos: Investigar de que forma as questões de gênero e sexualidade vem sendo incluídas no currículo de uma escola estadual de Vitória da Conquista; Identificar concepções e crenças de alunos(as) e professores(as) sobre questões de gênero e sexualidade com base na aplicação de questionários semiestruturados; Construir indicadores, a partir dos resultados obtidos nos questionários, tendo por consequência reunir subsídios para futuras propostas voltadas ao diálogo entre docentes no que tange às questões de gênero, sexualidade e diversidade e Estimular e apoiar experiências que possam ser ampliadas e disseminadas nas classes, no combate ao preconceito, à discriminação e violência homofóbica.

Em relação à estrutura do trabalho, a introdução apresenta a contextualização do tema, a problemática e os objetivos gerais e específicos do estudo. Posteriormente, no capítulo 2, será apresentada a fundamentação teórica com a discussão e a apresentação de dados colhidos na pesquisa bibliográfica. A metodologia empregada será descrita no capítulo 3. Os resultados colhidos e a análise dos dados estarão presentes no capítulo 4. Por fim, serão apresentadas as conclusões obtidas e as referências utilizadas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 As desigualdades e as questões de sexualidade

Hoje o Brasil é um país de renda significativa, mas que apresenta desigualdades educacionais, raciais e econômicas. Estes fatores têm, historicamente, traduzidos em menos oportunidades no mercado de trabalho e negação de pleno exercício dos direitos constitucionais dos cidadãos, para alguns, reforçando, assim, um ciclo vicioso de exclusão. Uma nova atmosfera internacional para a proteção dos direitos humanos e da luta para o material e não apenas a igualdade formal entre os cidadãos levou a críticas ao seu sistema de ensino que discrimina determinados segmentos da população de negros, povos indígenas, os pobres, homossexuais, deficientes, favorecendo apenas um segmento da população.

No decurso da história, as sociedades eram altamente patriarcais, mantinham um sistema em que as mulheres eram subservientes ao homem, que por sua vez não honravam fidelidade no seu relacionamento, pois tinham acesso aos favores sexuais das caseiras e podiam visitar as prostitutas sem nenhum embaraço. Na antiguidade, os gregos e romanos tratavam a sexualidade com bastante liberdade. Eram toleradas a homossexualidade, a pedofilia e a nudez pública. As bacanais e os jogos olímpicos eram espetáculos de nudez e de vigor físico. A arte nessa época era marcada pelo nu. Já na Idade Média, o cristianismo predominou e passou a valorizar o espírito. O corpo veio a ser escondido, o prazer sexual condenado, a liberdade sexual considerada perversão. O sexo restringiu-se à reprodução e os sentimentos tidos como leviandade. Ao contrário do período descrito anteriormente, o nu é totalmente proibido. Em suma, o mito de Adão e Eva é tomado como referência.

Com o passar do tempo, as diversas expressões da sexualidade humana foram reprimidas pela igreja e pelos povos colonizadores para impor uma norma sexual. Telarolli Junior assinala que a cultura e o meio social são fundamentais para definir a forma como as pessoas conduzem os impulsos sexuais e se relacionam sexualmente umas com as outras (TELAROLLI, 1997, p. 38).

Nos tempos modernos percebe-se que a valorização do corpo volta a ter ênfase tanto por homens quanto pelas mulheres. Os cristãos passam a tolerar as expressões da sexualidade desde que não vá de encontro a certos dogmas ainda conservadores e, de certo modo, repressores de uma conduta. As ideias do iluminismo, de Darwin e de Freud são desencadeadas na revolução sexual dos anos 60. O romantismo exerce notável influência com a noção contemporânea de



amor. Agora, as diferentes posturas caminham lado a lado ou pelo menos há uma luta travada pelos movimentos ativistas para que isso aconteça. E dessa forma, o corpo voltou a ser liberto.

Michael Foucault define os elementos culturais como a base das ações cotidianas que constituem a vida do indivíduo, inclusive de seu sexo: “O estudo da moral sexual deve determinar de que modo, e com que margem de variação ou de transgressão, os indivíduos ou grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo, que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm consciência mais ou menos dela” (FOUCAULT, 1984, p. 211).

Embora a história da sexualidade tenha sido marcada pela repressão, visto que o sexo e o prazer foram perseguidos, proibidos e silenciados durante muito tempo, ainda hoje a sociedade está reagindo à mudança histórica, por meio de comportamentos sexuais e valores contemporâneos. Tradições mais antigas, iniciadas, por exemplo, pelas grandes religiões, continuam moldando reações. Diante desse contexto, percebe-se que a história da sexualidade é interessante em si mesma, sendo verdadeiramente inescapável, uma vez que lança luz sobre um complexo e polêmico conjunto de mudanças que conecta diretamente presente e passado.

Entretanto, percebe-se na atualidade, uma banalização na exposição do sexo e do corpo, principalmente o feminino, proporcionando ao adolescente uma visão deformada, frívola e superficial a respeito do sexo e da sexualidade. Nota-se que os jovens estão sendo formados sem a capacidade crítica e autônoma de pensar a respeito das temáticas aqui em discussão, essencialmente importantes tanto para o indivíduo quanto para as interações sociais.

## **2.2 A questão da diversidade de gênero e a educação**

Além da questão das desigualdades, em relação às diferenças sociais e raciais, temos grandes problemas no que diz respeito ao trabalho docente em relação ao tratamento da diversidade de gênero.

Diferenças entre os sexos na educação é um tipo de discriminação sexual no sistema de ensino que afeta homens e mulheres durante e após as suas experiências educacionais. Em todo o mundo, os homens são mais propensos a serem alfabetizados, com 100 homens considerados alfabetizados para cada 88 mulheres. Em alguns países, a diferença é ainda maior; por exemplo, em Bangladesh apenas 62 mulheres são alfabetizadas para cada 100 homens.

Em estudo realizado pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), de 43 países desenvolvidos, as meninas com até 15 anos de idade estavam à frente

dos meninos nas habilidades de leitura/escrita e ficaram mais confiantes do que os rapazes sobre a obtenção de empregos de alta renda. Nos Estados Unidos, as meninas estão significativamente à frente dos meninos nos níveis de ensino primário e secundário. No entanto, os rapazes estão ligeiramente à frente das meninas na habilidade matemática (IMBERNON, 2009).

A discriminação sexual na educação é aplicada a mulheres de várias maneiras. Em primeiro lugar, muitos sociólogos da educação vêem o sistema educacional como uma instituição social e de reprodução cultural. Os atuais padrões de desigualdade, especialmente para a diferença de gênero, são reproduzidos nas escolas por meio de processos formais e informais.

Pesquisadores da Universidade de Stanford realizaram um estudo para comparar homens e mulheres nas habilidades para usar o computador quando há uma ameaça do estereótipo envolvida. O experimento foi instalado para resultar em falha para cada participante. Na primeira parte do estudo, cada participante recebeu um questionário a preencher para que os pesquisadores pudessem ter uma dimensão maior do problema. Os resultados mostraram que mais homens que mulheres afirmaram que eram donos de um computador e que eles gastaram mais do seu tempo em um computador. Para a segunda parte da experiência cada um dos participantes recebeu um papel mostrando uma ameaça positiva ou uma ameaça negativa. Cada participante leu esses cenários antes de prosseguir para a terceira parte. Na terceira etapa do experimento cada participante recebeu uma tarefa de salvar um arquivo da Internet e convertê-lo para uma unidade flash. O que os participantes não sabiam é que eles receberam um *pen drive* com defeito. A maioria dos homens culpou seu fracasso em questões tecnológicas que eles não podiam controlar e a maioria das mulheres culpou sua capacidade de converter corretamente o arquivo. Os pesquisadores descobriram que quando esta ameaça do estereótipo era presente, as mulheres achavam que elas eram piores. Além disso, as normas culturais também podem ser um fator de discriminação sexual na educação. Por exemplo, a sociedade sugere que as mulheres deveriam ser mães e serem responsáveis pela maior parte da criação dos filhos (ARROYO, 2013).

Dessa forma, percebe-se nas pesquisas e discussões sobre gênero a predominância da dominação dos homens sobre as mulheres, porém poucos estudos no campo educacional se debruçaram sobre a temática da homossexualidade ou da diversidade sexual. E práticas sexuais como a homossexualidade, assim como as noções masculina e feminina de gênero, também são conceitos histórico-culturais. Para Foucault, embora seja possível encontrar relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo na história Antiga, é somente no século XIX que se utiliza pela primeira vez o conceito de “homossexualidade” para se referir a uma identidade sexual a

ser vigiada e controlada: “(...) foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constituí-la com objeto de análise médica: ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e de controles novos” (Foucault, 1992, p. 233).

Alicerçada nesses ensaios foucaultianos, Louro (2001, p. 89) investiga especificamente o tratamento dado pela instituição escolar para as questões de gênero e homossexualidade:

O processo de ocultamento de determinados sujeitos pode ser flagrantemente ilustrado pelo silenciamento da escola em relação aos/as homossexuais. No entanto, a pretensa invisibilidade dos/as homossexuais no espaço institucional pode se constituir, contraditoriamente, numa das mais terríveis evidências da implicação da escola no processo de construção das diferenças. De certa forma, o silenciamento parece ter por fim “eliminar” esses sujeitos, ou, pelo menos, evitar que os alunos e as alunas “normais” os/as conheçam e possam desejá-los/as. A negação e a ausência aparecem, nesse caso, como uma espécie da garantia da “norma”.

Um currículo oculto pode aumentar ainda mais a discriminação no sistema educacional. O conceito de currículo oculto refere-se à ideia de que os professores interagem e ensinam cada um de seus alunos de uma forma que reforça as relações de gênero, assim como raça e classe social. Por exemplo, os professores podem dar mais atenção aos meninos, incentivando-os a falar em sala de aula e se tornar mais social. Por outro lado, as meninas podem tornar-se mais calmas e saber que elas devem ser passivas e respeitar os seus colegas do sexo masculino. Para Giroux (1986), o currículo oculto devia estar ocupado fundamentalmente em responder à questão “o que torna a sociedade possível?”, considerando que o ato educativo exerce importante papel na manutenção do status quo. A escola ensina às crianças não somente conteúdos, mas habilidades, normas, valores que permitem adaptação à disciplina e à hierarquia, típicas do mundo do trabalho. Na escola, ideologia e conflito são negligenciados, em detrimento do consenso e da adaptação social. Assim, o currículo não pode ser considerado apenas como um condutor da socialização no interior das escolas, mas, também como responsável pelo controle social, operando no sentido de oferecer escolarização diferenciada para os diversos tipos de alunos (ARROYO, 2013).

Os estudantes também podem ser socializados para os seus papéis adultos esperados através do princípio da correspondência estabelecido por sociólogos, incluindo Samuel Bowles e Herbert Gintis. As meninas podem ser encorajadas a aprender habilidades valiosas em áreas dominadas por mulheres, enquanto os meninos podem aprender habilidades de liderança para profissões dominadas por homens. Por exemplo, à medida que avançam para as fases secundárias e pós-secundários de sua educação, os meninos tendem a gravitar mais para cursos de liderança do que seus colegas do sexo feminino.

Discriminação resulta em uma diferença de gênero substancial de salário para as mulheres (0,75 centavos para cada dólar que os homens fazem), em sua maior parte, de estar em baixo status, ocupações estereotipadas de sexo, o que em parte se deve a diferenças de gênero. Elas também têm de suportar as principais responsabilidades das tarefas domésticas, embora a sua participação na força de trabalho tenha aumentado. A discriminação de gênero no ensino médio e na faculdade também resulta em mulheres não estimuladas para prosseguir com mais prestígio. A discriminação do sexo na educação também resulta em mulheres mais passivas, silenciosas e menos assertivas, devido aos efeitos do currículo oculto (ARROYO, 2000).

Em 2011 houve muitas discussões no Brasil acerca do material produzido por especialistas, sob encomenda do Ministério da Educação (MEC) para promover o programa Brasil sem Homofobia nas escolas. Entretanto, a iniciativa não resistiu às pressões dos congressistas ligados a entidades religiosas, o que levou o Governo Federal a voltar atrás e impedir o andamento do projeto. O kit que seria distribuído nas escolas era composto por diversos materiais para a formação dos docentes, tais como vídeos e caderno de formação do professor, no intuito de tratar sobre a temática de uma forma mais ampla. Nota-se, portanto, o pensamento conservador e preconceituoso de algumas pessoas que demonstram o receio de que falar sobre a homossexualidade ou sobre a transexualidade na escola seria uma forma de promovê-las.

Quando se pensa em homofobia no ambiente escolar não se pode deixar de perceber uma articulação intrínseca com as questões de gênero e faz-se necessário refletir sobre o fato de que a sociedade constrói o jeito de ser do homem e da mulher, define o que é masculino e o que é feminino. Então, o grande incômodo nos educadores não tem a ver necessariamente com a orientação sexual do educando, mas, possivelmente, com a performance de gênero que se caracteriza pelo jeito de andar, de falar, de se vestir, enfim, o jeito de se portar que é diferente do que se é esperado para um menino ou para uma menina. A maior angústia dos professores tem a ver com essas normas e modelos de comportamento que se tem introjetados e enraizados. Logo, o avanço no pensamento educacional só acontecerá à medida que professores, alunos e todos os membros da comunidade escolar incorporem e aceitem as diferenças.

Segundo uma pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2002, ficou apontada que a maior parte dos profissionais da educação que atua nas escolas básicas do Brasil demonstra atitude e percepção preconceituosa com relação à diversidade de gênero e sexualidade. (UNESCO, 2004, p. 144). Percebe-se, portanto, a necessidade de enfrentamento dessa situação no cenário educacional

para que tenhamos escolas capazes de oferecer no contexto de formação continuada de seus professores o conhecimento e valorização da diversidade, oferecendo novos conceitos, argumentos, critérios e informações para a percepção da realidade. O desafio é colocar em constante debate e, sobretudo, em atitudes pedagógicas concretas, uma pedagogia que promova, reconheça e valorize a diversidade e toda forma de expressão dela no ambiente escolar.

O ponto inicial para a mudança é o reconhecimento da existência de ações e comportamentos discriminatórios nas escolas. A partir daí é necessária a abordagem conjunta da equipe pedagógica quanto ao esclarecimento de questões como gênero e as relações de poder que afetam diretamente o processo educativo. É importante refletir que a escola é o ambiente ideal de luta pela eliminação de preconceitos e práticas discriminatórias. A relação da convivência e do respeito à diversidade é um recurso social que carrega alta potencialidade pedagógica e libertadora, mas para isso é necessário desprender-se de rótulos e padrões homogeneizadores. Portanto, a educação contribui para a promoção da diversidade e pela ruptura de estigmas, fatores que evitam os casos de violência.

### **2.3 Diálogo e transformação**

Embora recentes Políticas de Educação no Brasil tenham incluído a Sexualidade como um tema de importância, ainda não efetivamente foi criado um contexto educacional, onde a sexualidade possa ser discutida de forma positiva. Programas de Treinamento de Educação, dentro de uma perspectiva pós-moderna, é um ato revolucionário. Esta não é a mera reprodução de ideias estabelecidas. É um processo generativo em que o conhecimento é *construído*, não somente alcançado. É um envolvimento criativo na transformação social, não só para compreender o mundo em que vivemos. Tentativas de ensino na perspectiva pós-moderna criam práticas em que as pessoas se tornam autores de suas histórias, desenvolvendo relações com os outros e agem para a transformação (FREIRE, 1979).

Em um mundo de desigualdades de gênero e discriminação sexual, essa abordagem para a educação deve ser também um ato de resistência. Para Dinis (2008, p. 490) a aprendizagem é algo que os professores criam com seus alunos, e ao fazê-lo, os alunos e os professores se transformam. Em um mundo que parece dominado por modernistas, pedagogias tradicionais precisam ser repensadas. Há ainda algum debate sobre os limites do público e privado; sobre o quanto um professor pode disseminar valores dentro da sala de aula. Além disso, técnicas pedagógicas podem ser tradicionalmente valorizadas e possuem uma abordagem objetiva para

o ensino (ROHDEN, 2009). Na educação sexual, o medo da revelação pessoal e o domínio de um discurso de tolerância fazem uma abordagem neutra e aparentemente objetiva (JARDIM; BRETAS, 2006).

No entanto, as abordagens de objetivos e biológicos tendem a naturalizar e essencializar formas culturalmente criadas de ser, e a tolerância contribui para o "status quo", e não para a sua transformação. Ambos trabalham para um sistema heteronormativo dominante. Assim, como podemos conceituar a transformação que está em processo quando professores e alunos falam sobre sexualidade? Existe um quadro teórico que poderia nos ajudar a entender esse processo e, portanto, permitir-nos de ser conscientemente envolvidos em práticas educativas transformadoras?

Assume-se que a educação sexual verdadeiramente transformadora ocorre quando um professor é relacionalmente envolvido com seus/suas alunos(as). Além disso, nós supomos que tal educação exige uma problematização do professor, dos seus valores pessoais sobre a sexualidade.

O que tomamos a educação como transformadora é informado pela construção social (GERGEN, 2010; MCNAMEE; GERGEN, 1998), ideias onde a aprendizagem é descrito como uma realização relacional. O construcionismo social é um termo genérico para fazer referência a uma ampla gama de perspectivas teóricas que, em resumo, compartilham quatro premissas básicas: 1) o conhecimento produz o que tomamos como realidade; 2) essa construção é contextualmente, historicamente e culturalmente dependente; 3) práticas sociais mantêm o conhecimento; 4) conhecimento regula as práticas sociais (BURR, 1995).

A perspectiva construcionista social se dá em relação ao contato com as pessoas que criam, mantêm e desenvolvem significados sobre o mundo. O significado e conhecimento são subprodutos de relações, não podem ser meramente transmitidos de uma mente para outra. Portanto, a educação é conceitualizada como um processo criativo em que educadores e alunos se envolvem em uma relação de forma colaborativa produzindo um significado. Esta perspectiva está alinhada com Paulo Freire que critica a educação bancária (FREIRE, 2001).

Uma implicação importante desta perspectiva é que ela exige que as pessoas estejam coordenadas com as outras, construindo o conhecimento de forma colaborativa. O processo de ensino, bem como a relação de ensino, ganham destaque e atenção ao conteúdo. Uma vez que o conhecimento é visto como uma construção colaborativa, ele passa a ser entendido como uma realização relacional, não um processo. A informação abstrata não pode ser transmitida ou internalizada. Em vez disso, o que é preciso para ser "informação" (ou seja, o conhecimento e a construção de sentidos) é socialmente, relacionalmente realizado como pessoas que

coordenam ações para produzir significados que estão profundamente ligados às suas histórias. Portanto, o conhecimento não é meramente "acumulado".

Como esse processo educacional transcende o envolvimento cognitivo de seus participantes, preferimos abordá-lo como um transformador, ao invés de um processo de conscientização.

Na grande maioria das vezes é na escola que os meninos e meninas começam a namorar e também ocorre que neste mesmo espaço eles lidam pela primeira vez com as diferenças. Não se pode imaginar uma escola isolada e distante das relações com a sociedade, da mesma forma que não se pode fantasiar uma escola sem os problemas vivenciados no mundo exterior, ou seja, fora dos muros que a protege.

O Ministério da Educação junto com a UNESCO prevê ações pedagógicas para discutir diversidade sexual em todas as escolas do país. Mas será que na prática isso vem ocorrendo? É importante ressaltar que essa discussão não cabe somente aos professores da área de ciências da natureza, mas se trata de um trabalho que todos deveriam articular visto que tem a ver com a realidade do dia a dia dos alunos, seja nas relações pessoais, sociais ou até mesmo por meio das mídias, como a televisão e o cinema, que produzem um jeito de ser, um jeito de viver e, de certa forma, tudo isso dita comportamentos.

O sufixo *ismo* no campo da saúde indica uma doença. Felizmente em 1990 a Organização Mundial de Saúde (OMS) deixou de considerar a atração por um mesmo gênero uma doença. O sufixo *dade*, por sua vez, se refere a uma expressão ou manifestação humana, assim como a felicidade, identidade, fraternidade. Essa abordagem é necessária em sala de aula para que o aluno, desde cedo, se aproprie das informações corretas, sem a presença do discurso discriminatório e preconceituoso.

Quando há uma situação de preconceito dentro da sala de aula é imprescindível que o professor pare o conteúdo e discuta a questão, que está muito mais presente na classe, levando ao debate sobre o respeito às diferenças, ao invés de fechar os olhos e fingir que nada aconteceu e nesse cenário, a escola silencia muito em relação às questões que envolvem gênero e diversidade sexual. No ambiente escolar os problemas são muito visíveis: alunos sendo apelidados e algumas vezes sofrendo algum outro tipo de agressão. Contudo, é mais fácil e oportuno para muitos educadores e profissionais da educação fazer de conta que não estão vendo e que esses fatos não vêm acontecendo, isso porque culturalmente somos todos preconceituosos.

A escola é uma reprodução da sociedade e como tal é obvio a percepção de que se existe a discriminação lá dentro, do mesmo modo isso acontece do lado de fora. Consoante a isso, é

necessário e urgente o estímulo à reflexão e ao debate sobre estes assuntos em sala de aula. Professores e gestores devem se capacitar e sentir-se à vontade para falar e lidar com a diversidade sexual.

O que se percebe e que pode ser detectado nas pesquisas desenvolvidas tanto pelo MEC como por outras organizações que o mesmo órgão tenha acompanhado é que o processo de discriminação e de violência com relação à população LGBT está presente nas escolas. Então, a homofobia não é um tema que o MEC vai apresentar às escolas por meio de cursos de formação ou por meio dos materiais por ele disponibilizados. Trata-se de um tema que já está presente nas escolas e dessa forma, os gestores dos sistemas educacionais precisariam fornecer os instrumentos e o suporte necessário para que os profissionais da educação possam ressignificar essas situações. Quando se pensa essas questões de gênero e sexualidade nas escolas entende-se o seu papel social no sentido de construir perspectivas educacionais que inclua os sujeitos LGBT.

Não se pode aceitar qualquer explicação de que sendo a sociedade brasileira extremamente homofóbica se vincule a isto o simples fato de que a escola também possa ser. E exatamente porque a homofobia é errada e viola alguns dos nossos preceitos mais fundamentais de direitos humanos e da Constituição Brasileira, a escola tem que romper com essa desigualdade e promover uma nova cultura.

### **2.3.1 A educação sexual e o currículo**

A educação sexual foi formalmente incluída nos currículos escolares na década de 60, embora tenha sido de alguma forma presente como uma preocupação educacional oficial. Em 1971, as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira- LDB começaram a promover programas de saúde nas escolas ao abrigo do qual a sexualidade foi discutida principalmente para prevenir a gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis. Esta ênfase na saúde foi estabelecida depois de 1992, como a prevenção do HIV e se tornou uma das principais preocupações dos esforços públicos e coletivos para conter a epidemia de AIDS (SILVA; NETO, 2006).

Naquela época, a sexualidade foi discutida em contextos escolares em sua maioria com ênfase em seus efeitos negativos ou potencialmente negativos. A adoção de uma abordagem positiva foi implantada apenas no final da década de 90, com a publicação dos PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais (SILVA; CARVALHO, 2005). Neste documento, a educação sexual está incluída como um tema interdisciplinar que deve ser discutido a partir de



três perspectivas diferentes: o corpo como matriz da sexualidade, relações de gênero e prevenção de DST / AIDS. Embora os PCNs representem um avanço em termos de incluir e mudar o tom da discussão relacionada com o sexo oficialmente na sala de aula, tem sido criticado por sua falta de consciência cultural e como aspectos biológicos e essencializados sobre os aspectos da vida humana (ALTMAN, 2001).

Essa ênfase sobre os aspectos biológicos da sexualidade parece ser nos termos das experiências dos professores em sala de aula. Sem treinamento adequado, professores tendem a reduzir a sexualidade com a biologia, a fim de criar uma ilusão, onde eles podem se sentir mais confortáveis falando de uma suposta posição neutra e objetiva (BARCELOS, 1996; SILVA; CARVALHO, 2005).

Assim, os professores tendem a preferir explicar as mudanças físicas durante a adolescência, bem como gravidez e prevenção de DST, ao invés de discutir os aspectos históricos da sexualidade (JARDIM; BRETAS, 2006). Quando um objetivo na discussão não é suficiente e, por qualquer motivo, os professores são obrigados a ir além do nível biológico, geralmente a discussão é pobre e não difere muito com as ideias dominantes que circulam na sociedade e que são infundidos com estigma social e preconceito (SILVA; NETO, 2006).

As dificuldades parecem ser grandes quando os professores tentam resolver expressões não normativas da sexualidade, tais como a homossexualidade e a transexualidade devido à predominância noções cristalizadas essencializadas de identidade na educação (DINIS, 2006). A homossexualidade é, de alguma forma, invisível nas discussões em sala de aula e o silêncio em torno das sexualidades não normativas reflete a falta de preparação dos professores.

Esta estabilidade também revela a pedagogia conservadora e retrógrada que persiste em ambientes escolares (FURLANI, 2007). Por outro lado, desde a década de 60 normas e valores sociais têm mudado e a estrutura social patriarcal tem sido progressivamente corroída.

A epidemia de AIDS motiva a organização de numerosos grupos gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (LGBT). Na virada do século, uma grande mídia foi preenchida com debates sobre o casamento gay (BAUMAN, 2010; GIDDENS, 2011; VAITSMAN, 1994).

Não importa o quanto um ambiente escolar tente ignorá-la, a diversidade sexual está persistentemente cada vez mais presente: eles podem ter amigos ou vizinhos gays, eles provavelmente têm lido os jornais, revistas ou estão participando de paradas do orgulho gay, alguns podem estar saindo com colega que é gay, lésbica ou transgênero na escola, alguns podem ter pais gays ou lésbicas, alguns podem ter sido ridicularizado e intimidado na hora do lanche por terem uma orientação sexual diferente da maioria.

Os professores, que são geralmente de uma geração diferente, parecem sentir-se desconfortáveis e despreparados para discutir essas questões em sala de aula. Além dessa limitação, os cursos de graduação parecem não ter preparado os professores de forma adequada para que eles possam lidar com a questão da diversidade de gênero.

Assim, a sexualidade pode ser discutida de forma positiva, não discriminatória e culturalmente/historicamente sensível. O próprio PCN enfatiza que os professores devem não estar sozinhos nessa empreitada; eles devem ser apoiados com palestras, grupos de discussões, leituras e supervisão que permita uma maior compreensão dos seus próprios valores e limites, bem como, ajudá-los a desenvolver uma atitude ética (SILVA; NETO, 2006).

Como poderiam proceder os professores de educação sexual que são sensíveis às mudanças contemporâneas nos valores sociais? Como eles poderiam fazer isso sem cair na armadilha de uma educação moralista? Como eles podem evitar essa armadilha sem se referir aos calcificados e pretensivos modelos biológicos? Como eles poderiam desenvolver uma abordagem à educação sexual, que é sensível, não discriminatória e, ao mesmo tempo transformadora?

Como dissemos acima, parece que a resposta mais comum a estas pergunta é baseada na suposição de que os valores pessoais devem ser deixados de fora da sala de aula e a educação sexual deve ser o foco principal.

O habitual resultado é a educação sexual que está centrada na divulgação de informações que geralmente apresentam a sexualidade como afastadas da vida. Os educadores e os alunos não são convidados a articular suas experiências e valores. Nesta configuração neutra e informativa ocorre um conflito entre diferentes racionalidades. A sexualidade tornou-se desumanizada, crescimento pessoal e mudança social é também minimizada.

Acredita-se que a educação sexual deve ser vista como ligada à vida dos educadores e alunos, e assim, não é neutra. Nós compartilhamos a nossa visão da educação com Lave e Wenger (1991), que argumentam que a aprendizagem não deve ser vista como a transmissão de informações, mas como um processo de construção de conhecimento (e valores) na comunidade. Os valores são importantes para nós, porque eles desempenham um papel fundamental na construção e na regulação da sexualidade. Entendemos que, apesar da inegável dimensão biológica da sexualidade, o seu mais importante aspecto é a forma como é descrito, narrado e organizado dentro de interações que são sempre permeadas por valores socialmente e culturalmente construídos. Tal compreensão nos permite considerar a sexualidade do ponto de vista de sua identidade cultural e significados mutáveis. A sexualidade é socialmente, historicamente e contextualmente produzida. Isto significa que a sexualidade não é um

fenômeno estável e universal, que é simplesmente apresentado ou discutido em ambientes escolares. Também é produzido lá, nas interações e descrições que permeiam as relações em sala. Embora, as próprias questões de educação sexual não podem ser devidamente tratadas, se a sua apresentação negligencia os elementos envolvidos na sua produção e regulação, os resultados culminam em desinformações e preconceito.

Os valores são eles próprios elementos históricos e contextuais subprodutos das relações humanas; emergem de nossas interações no mundo social. Nos tempos atuais, uma miríade de diferentes comunidades coexiste e gera diferentes e incomensuráveis valores que, ao mesmo tempo, são sempre inteligíveis dentro de suas comunidades de origem.

Com tal diversidade de pontos de vista sobre a sexualidade - cada um sensível dentro de seu próprio contexto - a educação só pode ser alcançada quando o educador é capaz de reconhecer os valores e crenças diferentes e algumas vezes incomensuráveis e quando ele/ela tenta permitir que cada ser seja respeitosamente ouvido. Isso exige que educadores estejam relacionalmente envolvidos e apreciem as formas de colaboração em que os valores e crenças (significados) são feitos. A criação de valores e crenças emerge de um processo de coordenação.

Podemos pensar, por exemplo, do primeiro encontro entre um professor e um aluno. Quando o professor entra na sala, tanto estudantes e professores entendem que o tema da conversa é focado nas habilidades do aluno: as perguntas de professores aguardam as respostas dos alunos. A partir desta coordenação, padrões e rituais rapidamente emergem (ritualização). Alguns relacionamentos entre professor-aluno podem incluir perguntas que solicitam a entrada de um aluno em determinados temas em discussão. O estudante experiente pode antecipar sendo solicitado seu/sua entrada. Esses rituais geram uma sensação de padrões e expectativas que usamos para avaliar as nossas próprias padronizações. Assim, se o professor deixa de perguntar sobre as ideias do aluno, o aluno pode se sentir menosprezado ou desrespeitado.

Em relação ao trabalho da diversidade de gênero em sala de aula, usamos este modelo para pensar sobre a produção e reprodução de valores em torno das performances de masculinidade e feminilidade. Imagine, por exemplo, uma aluna que é ridicularizada por seus colegas por ser excessivamente sexual. Seu desempenho de gênero quebra a expectativa de que esta comunidade tem gerado sobre como uma garota deve se comportar, e é só pelas normas desta inteligibilidade que ela pode ser avaliada como *excessivamente* sexual. Nós poderíamos dizer que estes grupos de alunos coordenam suas ações como meninos e meninas de modo que suas performances de masculinidade e feminilidade se tornam ritualizadas.

Como os rituais tornam-se padronizados, este grupo de estudantes espera que todos os outros alunos ajam como eles fazem. Suas atuações coordenadas se tornam valores que

representam a forma como alguém deve se comportar. A menina "excessivamente sexual" é alguém que coordena sua performance de gênero em uma comunidade diferente. Assim, ela não age de acordo com as expectativas dos outros. Ela pode vir de uma comunidade (a escola anterior, seu bairro ou família), onde seu desempenho não é excessivamente sexual ou onde ser excessivamente sexual é uma valiosa, e não degradante característica.

Outro exemplo seria a suposição de que cada estudante é heterossexual. Esta hipótese representa a expectativa de que alunos e professores são heterossexuais. E de onde vem essa expectativa? Ela vem de coordenações de grupos anteriores (a partir de pequenos grupos, como os que definem que um homem sempre gostará apenas de mulher). O contexto para coordenações irá reproduzir os valores que estão em sua matriz, porque a heterossexualidade é tida por certo, na maioria das vezes, já que as imagens de casais gays ou lésbicas não estão presentes nos livros escolares. Conversas, exemplos e piadas são feitos com a presunção (expectativa) de que todos na sala de aula são heterossexuais. Rapidamente, a noção de que os membros que compõe a sala de aula, em sua totalidade, têm de ser heterossexuais (um valor) é estabelecida e a ideia de que ser diferente é anormal ou errado rapidamente é internalizada e, dessa forma, esse conceito se propaga no ambiente escolar.

Compreender a matriz contextual e relacional de valores permite que o educador abrace a educação sexual de forma sensível e humana. A educação pode reconhecer seus valores, bem como influir na construção de valores de forma coerente. A Diversidade encontrou dentro de um contexto dialógico, um terreno fértil para o crescimento e mudança. E, o diálogo requer um esforço do docente,

Em primeiro lugar, entendemos que o diálogo é uma atividade responsiva (BAKHTIN, 1982). É uma forma de criar um conhecimento de forma democrática. Em segundo lugar, o diálogo reconhece os diferentes valores e crenças que as pessoas possam trazer para a conversa (PENMAN, 2000). Nesse sentido, o diálogo é radicalmente diferente de debate, onde a comunicação tem como objetivo persuadir o outro ou poderia dizer que este grupo de alunos coordena suas ações como meninos e meninas de modo que suas performances de masculinidade e feminilidade se tornam ritualizadas.

### **2.3.2 A violência contra a comunidade LGBT**

Ainda nos dias atuais, os homossexuais são profundamente discriminados, impedidos de viver sua afetividade, além de também sofrerem com a violência física. O mais impressionante é que esta violência, na maior parte das vezes começa na própria família à

medida que os familiares não compreendem e não aceitam a orientação sexual dos filhos que muitas vezes são expulsos ou se veem obrigados a sair de casa em busca de sua independência e do seu reconhecimento e visibilidade. Diante dessa ocorrência, infelizmente alguns acabam se prostituindo, expostos a toda sorte de riscos sociais decorrentes da vida nas ruas. É importante destacar nesse sentido, que a violência não se dá apenas na forma física, mas também nas formas psicológicas, com efeitos de violência moral.

Profundamente arraigada aos pensamentos machistas e religiosos, a violência contra homossexuais assume proporções tais no Brasil, que é possível afirmar que os LGBTs caracterizam o setor social mais exposto à criminalidade violenta, bem como à discriminação e preconceito em geral que, embora nem sempre gerem marcas físicas, segregam socialmente e contribuem com a prática de atos de maior potencial ofensivo.

Segundo dados divulgados no portal eletrônicos Âmbito Jurídico (jul. 2012), FARIAS relata que “os Estados do Nordeste lideram as estatísticas, respondendo por 43% dos homicídios contra LGBTTs no ano de 2010. As estatísticas parciais de 2011, embora apontem redução no total de crimes em relação ao ano anterior, demonstram grande crescimento no número de homicídios motivados por homofobia na região, marcada pelas profundas raízes patriarcais e machistas, o que se reflete também no fato de as cidades do interior terem índices superiores às capitais.”

Atualmente a cidade de Vitória da Conquista, localizada no sudoeste baiano, ocupa o posto de município com maior índice de assassinatos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Assim, a violência contra a comunidade LGBT, no sudoeste do Estado, foi apontada com um dos desafios a serem enfrentados pela Defensoria Pública da Bahia a partir de ações a serem elaboradas pela Instituição e incluídas em seu orçamento de 2016.

### **2.3.3 Políticas públicas de educação e as relações de gênero**

Toda questão que envolve as diferenças e as minorias parte de uma noção dos aspectos da igualdade, que pode ser vista sob um viés formal ou sob um aspecto material. As políticas públicas vão traduzir, de certa maneira, intenções materializadas de atividades do Governo, para traduzirem a inserção de uma igualdade a partir da isonomia, incentivando as minorias, não somente no que tange a sua cultura ou nos aspectos que refletem a sua intenção das diferenças, mas também a possibilidade de propiciar a partir de atos materiais do legislativo todas as atividades que a minoria tem por interesse a nível cultural e social estabelecer.

Diz a Constituição em seu Preâmbulo que somos uma sociedade fraterna e pluralista. Entende-se, pois, como pluralidade as questões relacionadas à diversidade. Entretanto, ao contrário do que reza o texto Constitucional somos uma sociedade altamente preconceituosa. Percebe-se que os homossexuais, as mulheres e os negros são, ainda, tão oprimidos no convívio entre os grupos sociais, a ponto de se anularem, muitas vezes, passando a aceitar as situações impostas por um discurso hipócrita e conservadorista. Nesse sentido, é necessária a implementação de ações e decisões governamentais com escolhas políticas de prioridades e metas coletivas conscientes, que caracterizam, justamente, as políticas públicas para a diversidade e a inclusão das minorias.

A partir de uma evolução do movimento social, de lutas de pessoas por direitos civis voltados à questão da orientação sexual e para a diversidade sexual alguns governos de Estados e Municípios criaram órgãos específicos para a defesa desta minoria, ou seja, para a garantia de direitos humanos voltados aos LGBTTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros).

A introdução dos temáticos gênero e diversidade nas políticas públicas, sobretudo no quesito relacionado à homossexualidade ganhou visibilidade graças à esfera da saúde pública, na qual as demandas ligadas entre a saúde e a doença, relacionadas à epidemia da AIDS em nosso país, na segunda metade da década de 90 culminaram na criação do Programa Nacional de DST/AIDS. Segundo FOUCAULT (2001, p.165):

Neste cenário social e político, a ação dos movimentos sociais foi fundamental para reverter a lógica estigmatizante dos chamados “grupos de risco” na primeira fase da epidemia. Esta reação demonstrou a necessidade de abertura do diálogo público sobre a diversidade sexual como forma de combate à epidemia que se alastrava para muito além dos denominados grupos e que fez com que a sexualidade entrasse no debate político de uma forma distinta daquela da patologização/categorização que marcou a afirmação do dispositivo da sexualidade a partir do século XIX.

Posteriormente, organismos oficiais, como o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde, passaram a estimular projetos de educação sexual, o que representou um marco para a publicação do documento “Diretrizes para uma Política Educacional em Sexualidade”, apoiado nas recomendações e nas experiências da UNESCO e da Organização Mundial da Saúde. Somente em 1996, com a instituição do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH I), sob a responsabilidade do Ministério da Justiça, os termos “homossexuais” são inseridos no texto relacionado aos Direitos Humanos, garantindo o tratamento igualitário perante a lei e apoiando programas para a prevenção da violência contra grupos em situação mais vulnerável.

Um salto notável nas políticas públicas para a diversidade ocorre em 2004 com o lançamento do Plano Plurianual (PPA 2004-2007) que definia o Plano de Combate à Discriminação contra Homossexuais. Para efetivar esse compromisso, a Secretaria Especial de Direitos Humanos lança o Programa *Brasil sem Homofobia*, objetivando o combate à violência física, verbal e simbólica sofrida por pessoas LGBT. Destaca-se nesse Programa, um capítulo dedicado à educação, com o intuito de “promover valores de respeito à paz e a não discriminação por orientação sexual” (BRASIL, 2004b, p. 22, 23).

Desencadeou-se, portanto, a continuidade da luta pela garantia dos direitos de igualdade dos LGBT a partir de outras iniciativas, a saber:

- Realização da I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, com o tema Direitos humanos e políticas públicas: o caminho para garantir a cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, em 2008. Teve grande destaque e visibilidade por ser a primeira Conferência com essa abordagem realizada no mundo. O foco do encontro era propor políticas públicas e a elaboração do Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de GLBT, ao mesmo tempo em que pretendia avaliar e propor estratégias para fortalecer o Programa *Brasil sem Homofobia*;
- Lançamento do Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNDCDH-LGBT), em 2009. O Plano demonstra a intenção explícita do compromisso político do governo brasileiro em tratar a questão dos Direitos Humanos como verdadeira política de Estado, o que gera grande expectativa. Porém, diante da pouca publicitação, reproduziu mais uma vez a ineficácia que caracteriza o Programa *Brasil sem Homofobia*;
- Publicação do decreto que cria o Programa Nacional de Direitos Humanos 3 (PNDH-3), em 2009. Apesar de elencar vinte e duas ações que dizem respeito à população LGBT, abrigando direitos para todas as chamadas minorias sociais, apresenta uma grande lacuna, que é justamente a falta de previsão de prazos para execução dessas ações;
- Criação da Coordenadoria Nacional de Promoção dos Direitos de LGBT, no âmbito da Secretaria de Direitos Humanos, em 2010;
- Implantação do Conselho Nacional LGBT, em 2010, com representação partidária do governo federal e da sociedade civil.

Por último, o projeto de lei do Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020 apresenta dez diretrizes e faz referência à difusão dos princípios da equidade, do respeito à diversidade e a gestão democrática da educação. O referido documento traz a meta que propõe universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 a 17 anos e elevar, até 2020, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85%, nessa faixa etária. Uma das estratégias para o cumprimento dessa meta é a implementação de políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito e discriminação à orientação sexual ou à identidade de gênero, criando rede de proteção contra formas associadas de exclusão.

Na cidade de Vitória da Conquista, uma das principais políticas de governo voltadas para a diversidade sexual e de gênero foi o decreto municipal nº 14.273/2012, por meio do qual a Prefeitura garantiu o uso do nome social a travestis e transexuais em todos os órgãos da Administração Municipal direta e indireta, autarquias, fundações e na Rede Municipal de Ensino. Foi uma ação pioneira no interior da Bahia, vista antes somente nas cidades de Salvador, Lauro de Freitas e Camaçari.

Além disso, em novembro de 2012, a cidade sediou o III Encontro de Travestis e Transexuais da Bahia. Promovido pela Associação de Travestis de Salvador (Atras), com apoio do Coletivo de Diversidade Sexual Finas e da Assessoria Técnica de Políticas de Diversidade Sexual da Prefeitura, o evento contou com a participação de 80 travestis e transexuais.

Segundo Danilo Bittencourt, assessor técnico de Políticas Públicas para a Diversidade Sexual, a principal ação do governo Municipal de Vitória da Conquista foi ter encampado a luta da população LGBT, levando-a para o âmbito institucional, através da qual foi possível trazer as demandas do movimento social para transformá-las em políticas de governo. Destaca ainda o fato do Município já ter sido pioneiro em uma série de atividades direcionadas a dar visibilidade à luta da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT).

Diante do exposto é notável a introdução do gênero e da sexualidade nas políticas públicas de educação no Brasil a partir da década de 90, nas quais vêm dando ênfase ao currículo e estabelecem uma agenda de governo com ações voltadas para a diversidade sexual, com a criação de diversos projetos e programas.

Pode-se verificar no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que a produção acadêmica sobre a temática de gênero e sexualidade nas políticas públicas educacionais apresenta um número pouco expressivo. Por outro lado, percebe-se um interesse muito grande e cada vez mais crescente nas produções acadêmicas quando as questões de gênero e sexualidade se voltam para a educação



e conduzem a uma reflexão das discussões no contexto escolar que podem se configurar em ações afirmativas ou na percepção de atitudes que denotam o silenciamento, a opressão ou a culpabilização das relações homoafetivas, bem como o mote em questão.

Na literatura sobre as políticas públicas de educação com abordagem das relações sociais de gênero há evidências de um tenso processo de negociação quanto à criação e implementação de planos, projetos e programas que atendam às reivindicações do movimento LGBT, nas suas pluralidades. Contudo, uma perspectiva de mudança surge para as minorias quando, pela primeira vez na história do nosso país, o presidente da Nação menciona em seu discurso de posse a expressão orientação sexual, dentre as formas discriminatórias a serem enfrentadas pelo Governo Federal:

É tempo do nascimento de um novo humanismo, fundado nos valores universais da democracia, da tolerância e da solidariedade. O Brasil tem muito o que contribuir neste debate. Colocamos o respeito aos Direitos Humanos no centro de nossas preocupações. Ampliamos políticas públicas nesta direção e criamos instituições de Estado fortes e capazes de garantir que este país combaterá de maneira decidida e permanente todas as formas de discriminação de gênero, raça, orientação sexual e faixa etária (INESC, 2007, p.1).

Assim, ao final do século XX e início do século XXI, mudanças significativas no cenário ligado às questões da homossexualidade começaram a ocorrer, proporcionando transformações no aspecto de visibilidade da temática e, conseqüentemente, o conteúdo que trata da diversidade foi inserido em diversos programas e projetos do MEC. Por outro lado, infelizmente ainda não existem no Brasil leis federais que criminalizem atitudes de preconceito contra homossexuais. É notável e esperado que as sociedades avancem à medida que incorporem e aceitem as diferenças. Logo, os projetos de lei que tramitam no legislativo podem até demorar de serem aprovados, mas é possível afirmar, numa perspectiva positivista, que são inevitáveis, pois que uma relação respeitosa e livre com a sexualidade é o futuro de uma sociedade saudável.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho de pesquisa foi pensada para ser capaz de abranger as diferenças de significação e percepção de professores e alunos a respeito de gênero, sexualidade e diversidade.

Realizou-se um estudo descritivo, com abordagem metodológica qualitativa e quantitativa, fundamentado no referencial teórico sobre gênero, diversidade, identidades sexuais, homofobia e sexualidade.

A pesquisa foi realizada no município de Vitória da Conquista, na Bahia, especificamente numa turma de 12 alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Estadual Fernando Spínola. A população de estudo foi representada por alunos regularmente matriculados no ensino fundamental da EJA, com faixa etária de 18 a 44 anos. Ressalta-se que a faixa etária dos sujeitos da pesquisa atende ao parecer da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CEB/CNE) que instituiu idade mínima para a matrícula, deferida a partir dos 18 anos, conforme critérios da Educação Básica.

Também participaram da pesquisa 30 professores de diversas disciplinas. Optou-se por colher informações dos professores e dos alunos para que fosse possível confrontarmos a visão de ambos sobre as questões de gênero, diversidade, identidades sexuais, homofobia e sexualidade.

Para manter a ética com a realização da pesquisa foi solicitado o consentimento dos participantes com a aplicação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido para todos os sujeitos das amostras, mantendo em sigilo o nome dos participantes para que possam responder a pesquisa sem constrangimento. Posteriormente, foram aplicados questionários semi-estruturados para coletar informações com todos os sujeitos envolvidos (ANEXOS 1 e 2). Dessa forma, foram levantados dados qualitativos e quantitativos com o intuito de responder ao problema proposto. Esse método foi escolhido, pois possibilitou uma maior diversidade de dados e uma maior objetividade para assuntos de relevância com a pesquisa.

Após a coleta dos dados foi realizada sua análise e interpretação. A análise foi realizada com base no método qualitativo/quantitativo e com base em estatística descritiva, com a realização de gráficos descritivos, que permitiu a sistematização, a organização e a interpretação dos dados colhidos. Nessa etapa o software Excel foi utilizado. Segundo Gil (2009) a interpretação de dados objetiva sintetizá-los e organizá-los para se chegar às soluções dos

problemas propostos no estudo, buscando formas mais amplas de responder os problemas da investigação.

## 4 ANÁLISE DE RESULTADOS

### 4.1 Entrevista com os alunos

Para compreendermos a questão do tratamento da questão do gênero e da diversidade sexual no Colégio Estadual Fernando Spínola, inicialmente entrevistaram-se os alunos da instituição. Traçando um perfil da amostra dos 100% dos entrevistados, 75% se declararam homens e 25% mulheres.

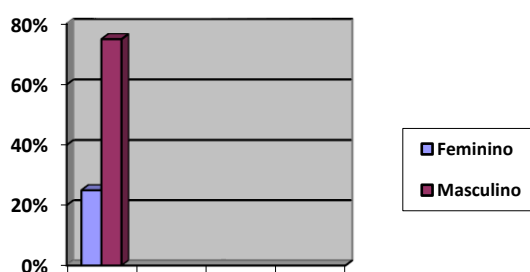


Gráfico 1: Sexo

Em relação à idade, dos 100% dos participantes 66,67% possuem entre 18-30 anos, 25% possuem entre 30-40 anos, enquanto que 8,33% possuem entre 40-50 anos.

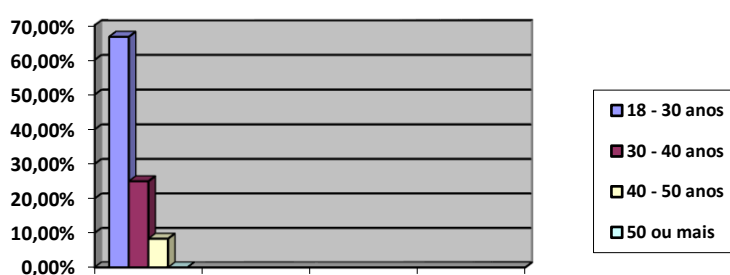


Gráfico 2: Idade

Em relação à escolaridade, 100% dos alunos entrevistados encontram-se matriculados no Ensino Fundamental.



Gráfico 3: Escolaridade

Em relação à raça, dos 100% dos respondentes, 41,67% se declararam negros, 33,33% se declararam pardos, enquanto que 25% se intitularam brancos.

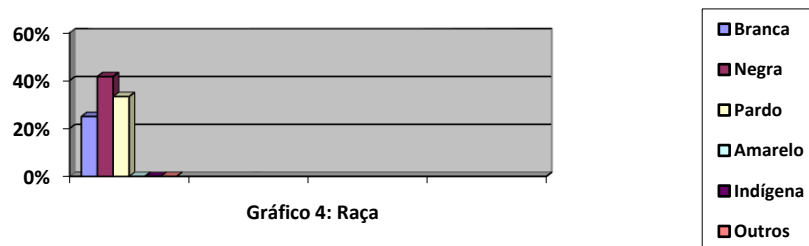


Gráfico 4: Raça

Em relação à renda familiar, dos 100% dos entrevistados, 16,60% declararam ter renda entre 2-4 salários mínimos, 16,60% disseram ter renda entre 1-2 salários mínimos, 16,60% relataram ter renda de 1 salário mínimo, 16,60% disseram ter renda menor a 1 salário mínimo, 8,50% disseram ter renda entre 10-20 salários mínimos, 8,50% relataram ter renda entre 4-10 salários mínimos, enquanto que 16,60% não informaram.

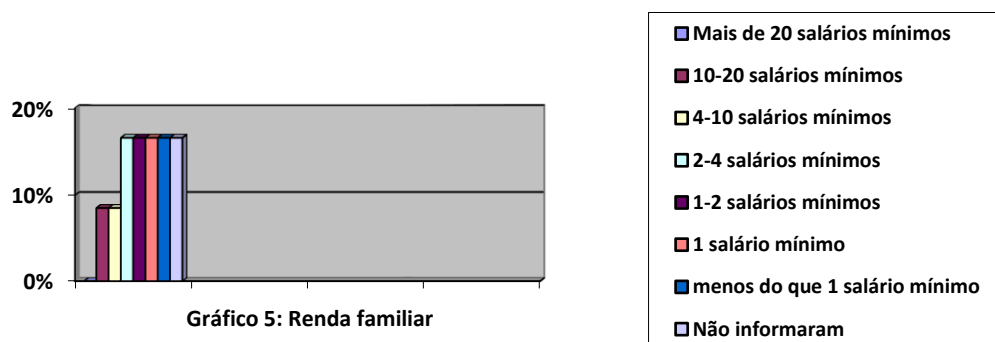


Gráfico 5: Renda familiar

Em relação à religião, dos 100% dos alunos respondentes, 25% disseram que não possuem uma religião, 41,67% informaram ser cristãos, 16,67% são católicos, 8,33% são protestantes e 8,33% informaram que se encontram afastados da igreja.

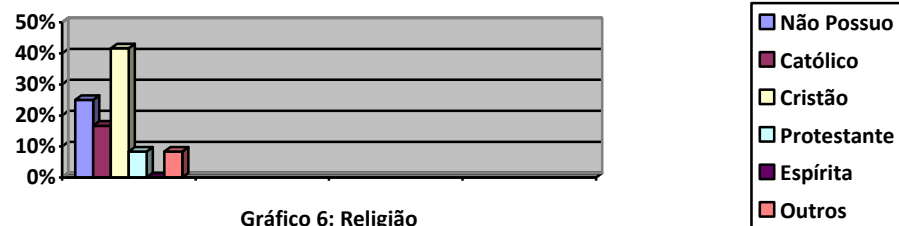


Gráfico 6: Religião

**Traçando o perfil da amostra de estudantes respondentes verifica-se que a maioria são homens, com idade entre 18-30 anos, matriculados no Ensino Fundamental, negros, com renda familiar até 4 salários mínimos e cristãos.**

Entra-se aqui na questão da análise do perfil da diversidade e do gênero. Parte-se do pressuposto que a sexualidade não é força instintiva. Ela é ‘produzida’ e como tal modelada conforme os interesses sócio-políticos (FOCAULT, 2001).

Em relação à orientação sexual dos alunos, dos 100% dos entrevistados, 75% se declararam heterossexuais, 8,33% se declararam bissexuais, 8,33% outros e 8,34% não responderam.

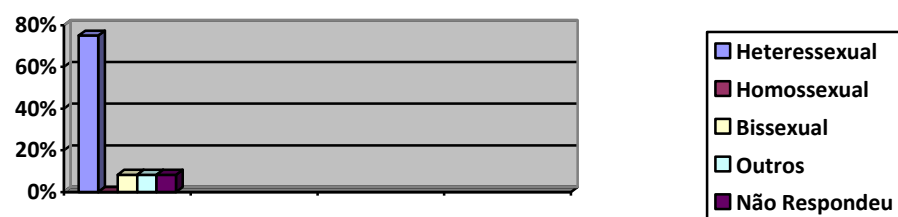
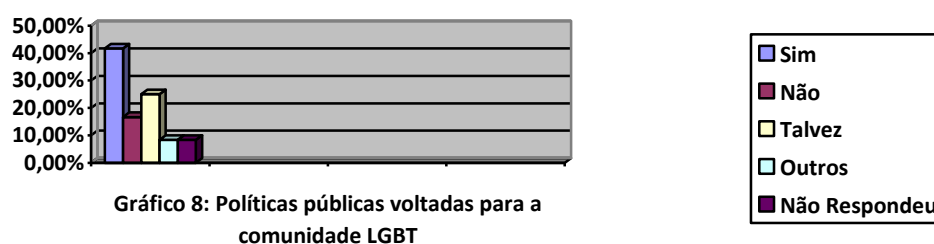


Gráfico 7: Orientação sexual

Interessante observar que ninguém se declarou como homossexual, mas 8,33% se declaram bissexuais, certamente essas respostas mostram um nível de preconceito e estigma. A homossexualidade é uma orientação sexual de pessoas que se sentem emocional e sexualmente atraídos por pessoas do mesmo sexo. As pessoas que são atraídas para ambos os sexos são bissexuais. Essas categorias, como em qualquer classificação em referência a seres humanos, nunca são absolutas.

A orientação gay e lésbica não deve ser confundida com o transexualismo, a representação ou travestismo. Transexual é a pessoa que tem o corpo de um gênero diferente de seu sexo psicológico. Transformista é a pessoa que faz shows em que ele se veste com as roupas do outro sexo. Travesti é a pessoa que gosta de se vestir com roupas do sexo oposto. Ambos os travestis ou transexuais podem ser homem ou mulher, heterossexual, homossexual ou bissexual. De acordo com Silva e Neto (2006) devemos sempre distinguir entre sexo, orientação sexual e a prática sexual.

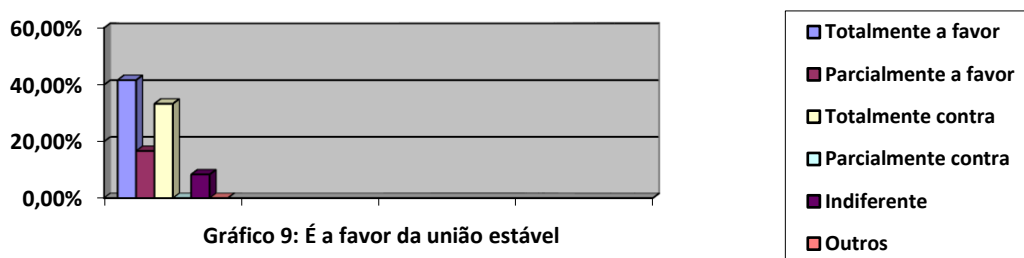
Perguntou-se aos alunos: Considera importante a existência de políticas públicas voltadas para a comunidade LGBT? Dos 100% dos entrevistados, 41,66% disseram que sim, 25% disseram que talvez, 16,66% falaram que não, 8,34% disseram que outros enquanto que 8,34% não responderam.



A maioria dos alunos reconhece a importância de políticas públicas para o atendimento da comunidade LGBT. Ressalta-se aqui a importância da criação de políticas educacionais que seja voltada para o fomento do processo de normalização da orientação homossexual nas escolas.

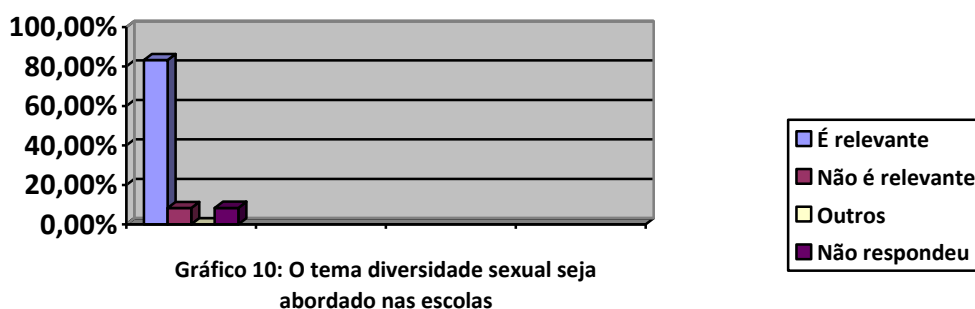
Programas, projetos e oficinas nas escolas deveriam ser parte do currículo para que seja oportunizado - para professores, funcionários, alunos e todos os envolvidos na comunidade escolar - a liberdade de expressão de falar sobre suas vidas emocionais com a mesma liberdade de que gozam os pares heterossexuais.

Perguntou-se aos alunos se eles eram a favor da união estável, verificou-se que dos 100% dos entrevistados, 41,66% disseram que são a favor, 33,34% disseram que são totalmente contra, 16,66% declararam ser parcialmente a favor, enquanto que 8,34% disseram ser indiferentes.



Observou-se nessa questão que a maioria é a favor da união estável, o que certamente é um dado positivo de respeito e tolerância. Frisa-se aqui que é na educação onde esta liberdade é mais condicionada. Preconceito, medo e a ignorância de grande parte da sociedade continuam; tanto professores como alunos se ressentem de serem estigmatizados e acabam suprimindo a sua orientação. As autoridades em educação devem criar um compromisso explícito para que não exista mais esse silêncio.

Dessa forma, acredita-se que é de suma importância a abordagem do tema diversidade sexual nas escolas (ARROYO, 2013). Sobre essa questão dos 100% dos entrevistados, 83,33% disseram que é importante a discussão da temática da diversidade sexual, 8,34% falaram que não é relevante, enquanto que 8,34% não responderam.

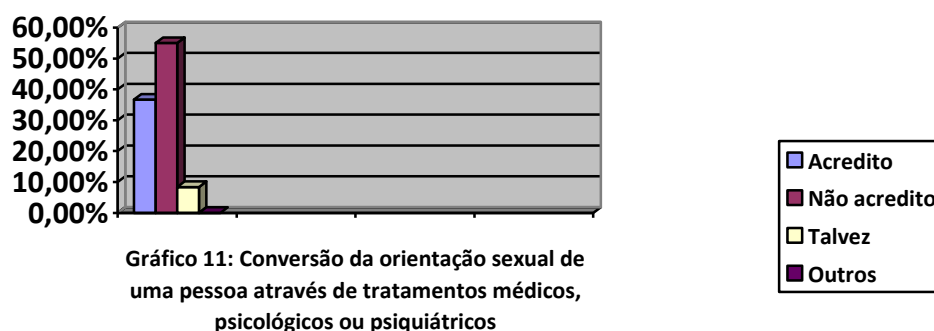




Em adição, os professores precisam estar preparados para lidar com as questões de gênero e diversidade. É importante que não só os professores, mas todos os funcionários nas escolas tenham respeito e conhecimento para lidar com questões relacionadas à orientação sexual (SILVA; NETO, 2006).

Por ignorância e falta de informação, algumas pessoas ainda acreditam que é possível a conversão da orientação sexual de uma pessoa através de tratamentos médicos, psicológicos ou psiquiátricos. Esse dado foi comprovado, na análise das respostas, onde 36,66% disseram que acreditam nessa possibilidade.

De outro lado, 55%, portanto a maioria, disseram que não acreditam, enquanto que 8,34% ficaram em dúvida, dizendo que talvez tratamentos médicos poderiam reverter uma orientação sexual, o que é um dado grave, pois a orientação sexual está longe de ser uma patologia.



Em relação à orientação sexual, dos 100% dos respondentes, 41,66% acreditam que a orientação sexual de uma pessoa é definida ao longo da vida, 16,66% acreditam que a pessoa nasce com determinada orientação sexual, enquanto que 41,68% não souberam responder, o que demonstra que na cultura escolar ainda permanece uma ignorância em relação ao processo de definição da orientação sexual.

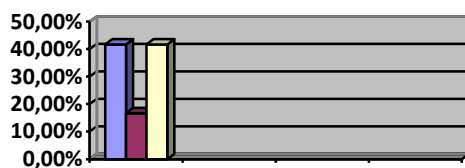
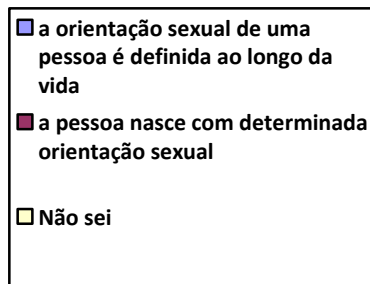


Gráfico 12: Em relação à orientação sexual, acredita que



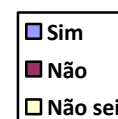
De acordo com Rohden (2009) nas escolas há muita confusão entre os discursos das autoridades sobre a diversidade sexual. Muitas vezes, esses discursos estão impregnados de preconceito, intolerância e discriminação. Ressalta-se que mentes retrógradadas podem alimentar preconceitos transmitindo conceitos errados, como por exemplo, que a homossexualidade é uma escolha e não uma orientação.

Toda essa falta de informação desemboca em ações preconceituosas. Dos 100% dos alunos entrevistados, 75% disseram já ter presenciado preconceito e discriminação contra homossexuais, apenas 16,66% falaram que nunca viram nenhuma manifestação de preconceito, enquanto que 8,34% não souberam responder.

Dessa forma verifica-se a importância do treinamento dos professores e dos pais para a erradicação de todos os preconceitos que causam a discriminação contra pessoas por causa da sua raça, religião, sexo ou orientação sexual. Muitas pessoas que rejeitam a homossexualidade e transexualidade formaram sua opinião em contextos religiosos. A escola tem esse papel de conscientização que a orientação sexual não é uma escolha, e sim uma identidade pessoal que deve ser respeitada.



Gráfico 13: Já presenciou preconceito e discriminação contra homossexuais



Haja vista que grande parte dos alunos já presenciou casos de homofobia é interessante sabermos a reação dos mesmos, assim observou-se que 25% tiveram indignação e fizeram uma intervenção, 25% falaram que presenciaram, mas se afastaram e apenas observaram, 16,66% disseram que ficaram indignados, mas se calaram, enquanto que 8,34% falaram que tiveram outras reações.

Os atos de homofobia são crimes, se calar é o mesmo que aceitar passivamente a um roubo, a um assassinato, ou a qualquer outro delito. Existe a falta de informação tanto para quem sofre o preconceito e para quem pratica. Acredita-se que ao falar abertamente sobre as sanções penais que os agressores podem ter, os educadores estão agindo na prevenção de casos de homofobia, que podem ter desfechos como fortes agressões, violências psicológicas difíceis de serem tratadas, e até mesmo, em casos mais graves, podem levar ao assassinato ou ao suicídio.



Gráfico 14: Se já presenciou, como se sentiu

Perguntou-se aos respondentes como eles se sentem sobre a manifestação de carinho ou afeto realizada por casais heterossexuais em público, dos 100% dos alunos, 66,66% disseram que é normal, 25% falaram que é inconveniente, enquanto que 8,34% disseram que outros.

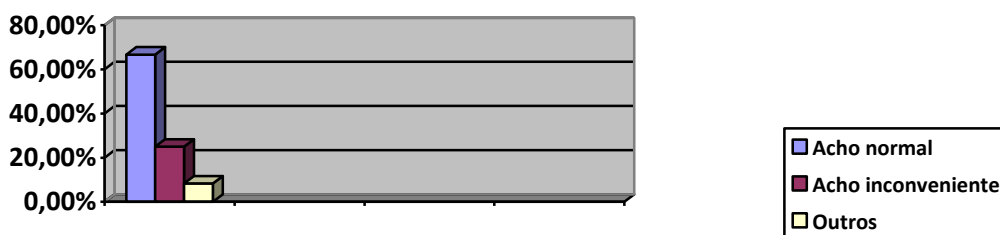


Gráfico 15: Manifestação de carinho ou afeto realizada por casais heterossexuais em público

Em detrimento, perguntou-se sobre a manifestação de carinho ou afeto realizada por casais homossexuais em público. Dos 100% dos entrevistados, 41,66% disseram que acham normal, 41,66% disseram que acham inconvenientes, enquanto que 16,68% disseram que outros.

Realizando uma análise comparativa da aceitação da manifestação sexual entre pares heterossexuais e homossexuais observa-se que a aceitação é maior entre pares heterossexuais. O que certamente evidencia o preconceito existente em relação à diversidade.

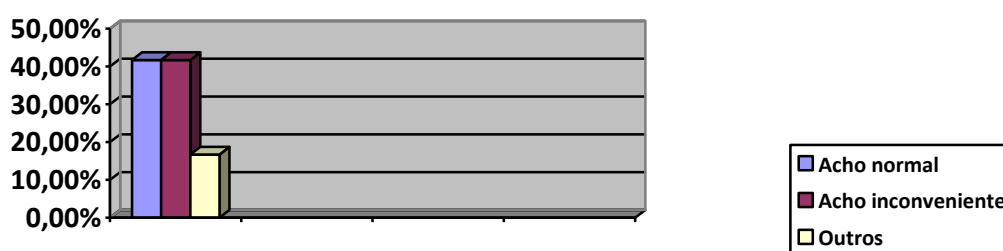


Gráfico 16: Manifestação de carinho ou afeto realizada por casais homossexuais em público

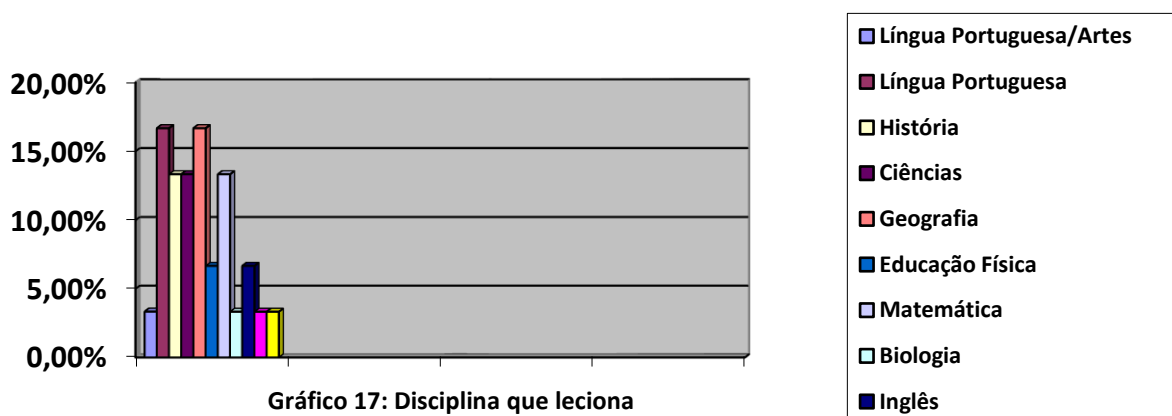
Sobre o perfil da diversidade dos discentes verifica-se que a maioria é heterossexual, eles acreditam ser importante à existência de políticas públicas voltadas para a comunidade LGBT, a maioria também é a favor da união estável e relataram ser importante a discussão da temática da diversidade sexual. A maioria (55%) não acredita ser possível a conversão da orientação sexual de uma pessoa através de tratamentos médicos, psicológicos ou psiquiátricos, mas o percentual dos que acreditam é alto, ou seja, 36,66%.

A maioria acredita que a orientação sexual de uma pessoa é definida ao longo da vida, mas observou-se uma ignorância dos respondentes em relação à essa temática, já que 41,68% não souberam responder. A maioria já presenciou preconceito, mas somente uma pequena parte dos entrevistados disseram que fizeram uma intervenção, enquanto outra parte deles disseram que apenas observaram.

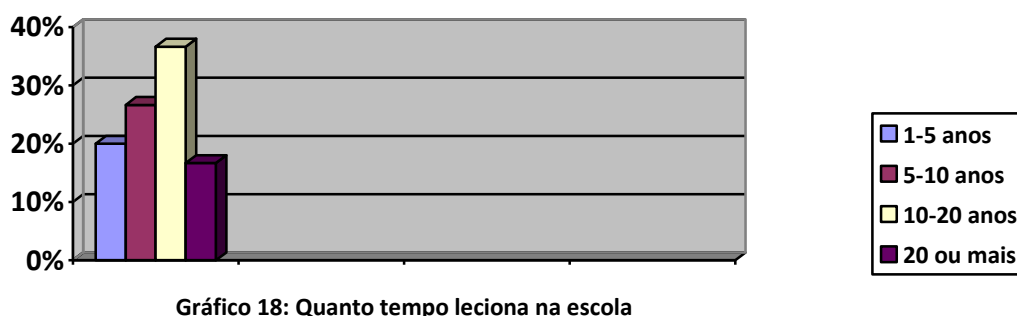
## 4.2 Entrevista com os professores

Após a realização da entrevista com os alunos, aplicou-se uma entrevista com os docentes do Colégio Estadual Fernando Spínola. Inicialmente realizou-se uma análise do perfil da amostra.

Dos 100% dos docentes entrevistados, 16,67% lecionam Geografia, 16,67% lecionam Língua Portuguesa, 13,33% ensinam Matemática, 13,33% lecionam Ciências, 13,33% ensinam História, 6,67% ensinam Educação Física, 6,67% ensinam Inglês, 3,34% ensinam Português/Artes, 3,33% ensinam Biologia, 3,33% ensinam Matemática e Meio Ambiente e 3,33% lecionam Química.



Em relação ao tempo que lecionam na escola, 36,66% disseram que entre 10-20 anos, 26,66% disseram que entre 5-10 anos, 16,68% disseram que 20 anos ou mais e 20% disseram que entre 1-5 anos.



Dos 100% dos entrevistados, 80% são mulheres e 20% são homens.



Gráfico 19: Sexo

Em relação à idade, dos 100% dos docentes participantes, 26,67% possuem 50 anos ou mais, 40% declararam ter entre 40-50 anos, 30% possuem entre 30-40 anos e 10% disseram ter entre 18-30 anos de idade.

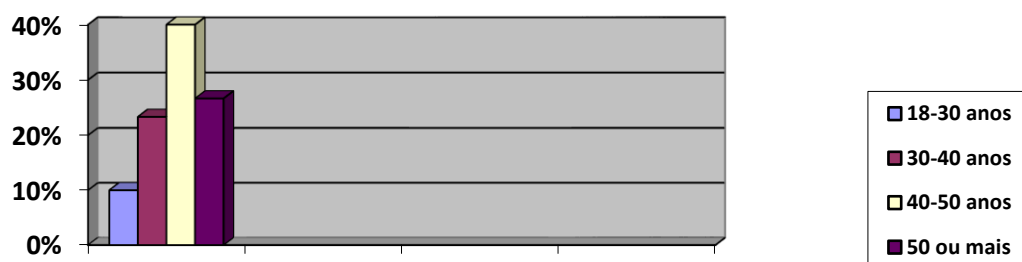


Gráfico 20: Idade

Sobre a escolaridade, 83,34% possuem Pós-graduação, 10% disseram ter Ensino Superior incompleto, 3,33% disseram ter Ensino Superior completo e 3,33% declararam ter Mestrado.

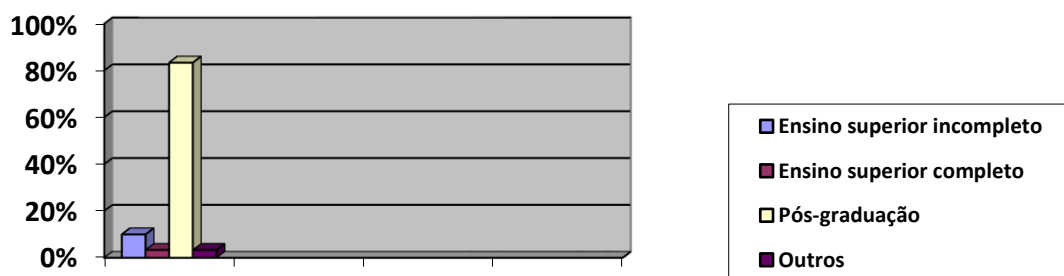
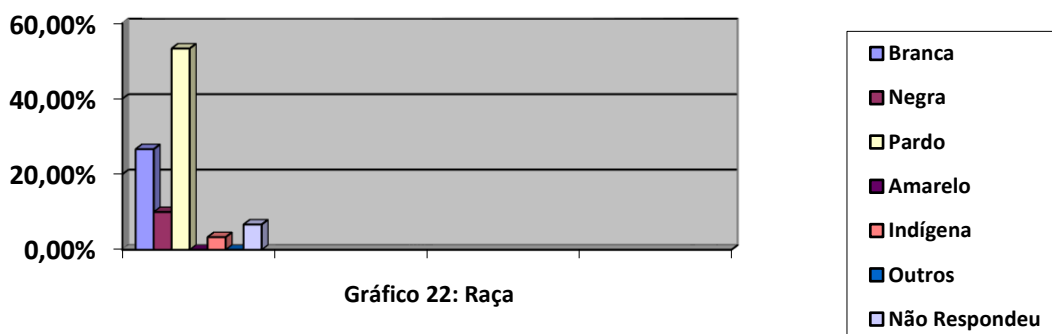
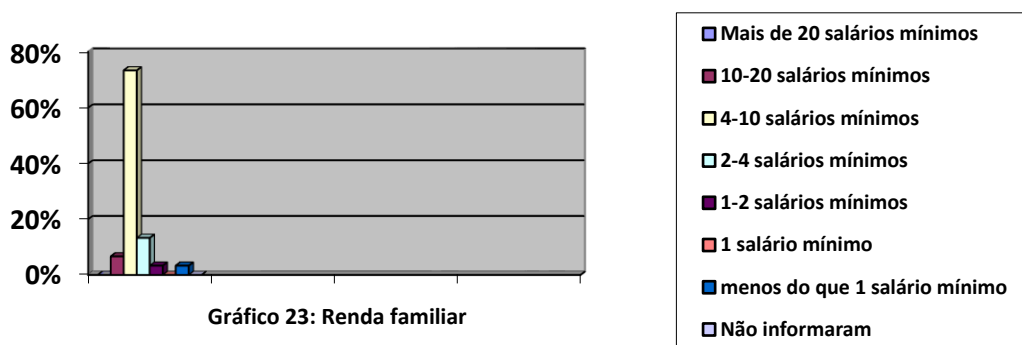


Gráfico 21: Escolaridade

Em relação à raça, dos 100% dos docentes, 53,33% disseram ser pardos, 26,66% se declararam brancos, 10% se declararam como negros, 3,33% disseram ser indígenas e 6,68% não responderam.



Sobre a renda familiar, dos 100% dos docentes, 73,33% disseram que sua renda é de 4-10 salários mínimos, 13,33% disseram que a renda familiar é em torno de 2-4 salários mínimos, 6,68% disseram que a renda familiar é de 10-20 salários mínimos, 3,33% disseram que a renda familiar é de 1-2 salários mínimos e 3,33% disseram que sua renda é de menos do que 1 salário mínimo.



Em relação à religião dos 100% dos respondentes, 34% se declararam católicos, 22% disseram ser protestantes, 19% se declararam cristãos, 13% disseram que não possuem religião, 9% se declararam espíritas e 3% disseram ser evangélicos.

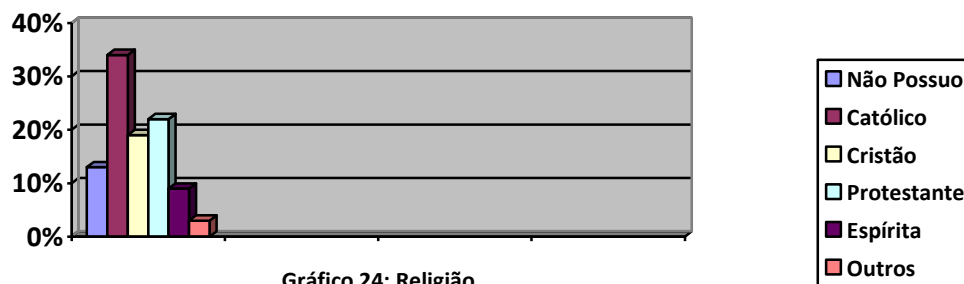


Gráfico 24: Religião

**Analisando o perfil dos docentes, verifica-se que a maioria dos professores é do sexo feminino, são pardos, católicos, com idade entre 40-50 anos de idade e lecionam em sua maior parte nas disciplinas de Geografia e Língua Portuguesa e possuem Pós-Graduação. Os mesmos lecionam por 10-20 anos no Colégio Estadual Fernando Spínola.**

Em se tratando do perfil da amostra em relação à diversidade, constatou-se que 100% dos docentes se declararam heterossexuais.

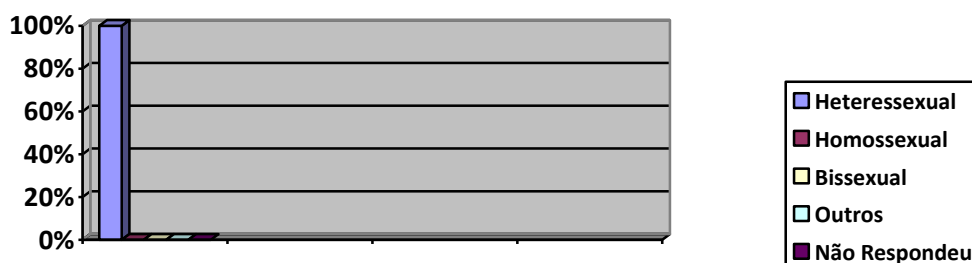
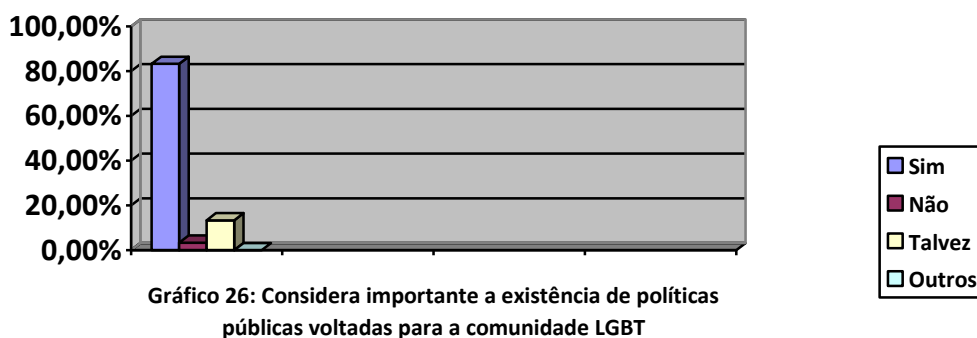


Gráfico 25: Orientação sexual

Dos 100% dos docentes entrevistados, 83,33% consideram importante à existência de políticas públicas voltadas para a comunidade LGBT, 13,34% disseram que talvez e 3,33% falaram que não. De acordo com Butler (2015) todas as pessoas são possuidoras de direitos fundamentais como a igualdade e a liberdade de expressão. A Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma que todos são iguais perante a lei e têm os mesmos direitos. No entanto, na vida cotidiana, há situações de desigualdade e discriminação contra certos indivíduos ou grupos, tais como: negros e homossexuais. Por que isso acontece? É possível combater o preconceito e aceitar a diversidade? Essas questões nortearam a realização desse estudo, e acredita-se que o nascedouro de todos esses problemas é o fundamento de uma cultura



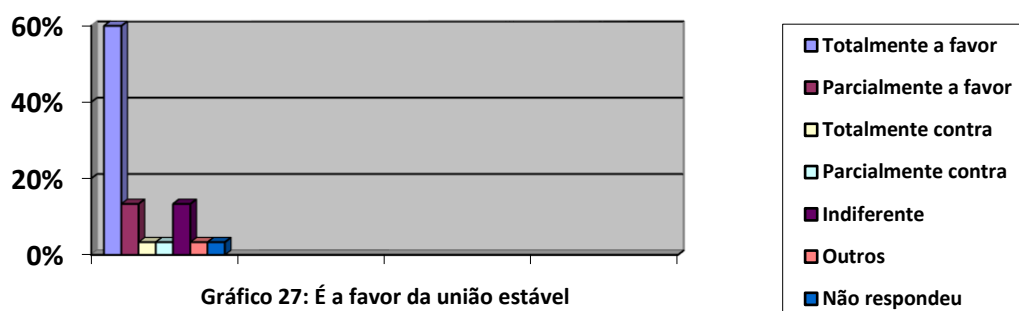
de preconceito que deve ser combatida e revertida por intermédio de informação nas escolas, que devem cumprir através dos seus agentes, o seu papel na formação e na preparação de cidadãos reflexivamente éticos para a vida em sociedade.



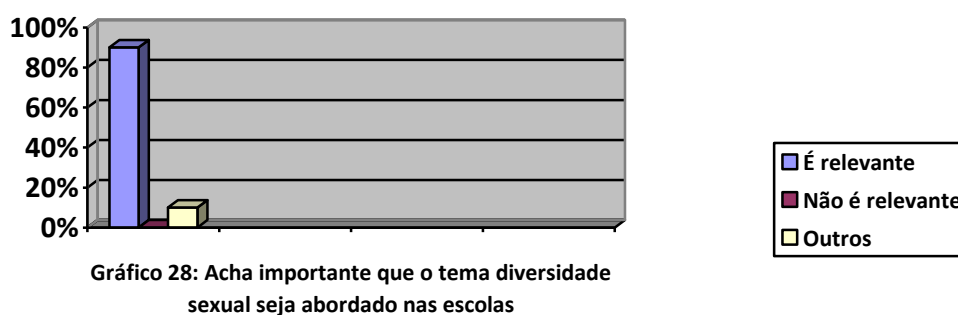
Sobre a união estável, 60% disseram ser totalmente a favor, 13,34% falaram ser parcialmente a favor, 13,34% falaram que são indiferentes, 3,33% disseram ser totalmente contra, 3,33% falaram que são parcialmente contra, 3,33% responderam que apenas respeitam, enquanto que 3,33% não responderam.

De acordo com Silva e Carvalho (2005) devemos ter a mente aberta para compreendermos as diversidades sexuais no âmago da nossa sociedade. A sociedade é composta por pessoas e grupos que se diferem nas formas de pensar, sentir e agir em várias situações; na forma como percebemos o mundo, como vemos a nós mesmos e os outros e como nos relacionamos com os outros.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, somos todos iguais perante a lei e temos os mesmos direitos; no entanto, na vida cotidiana, muitas vezes descobrimos que nem todas as pessoas e nem todos os grupos são igualmente valorizados. Muitas vezes, as ignorâncias criam situações de desigualdade e discriminação contra certos indivíduos ou grupos, tais como: os homossexuais, travestis e transexuais.

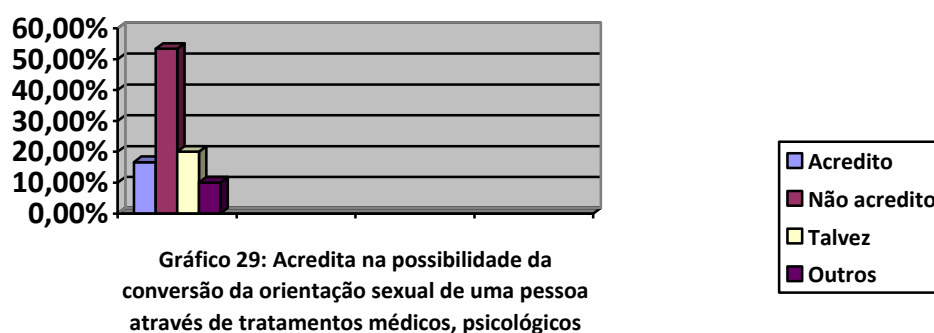


Dos 100% dos entrevistados, 90% acreditam ser relevante abordar a temática diversidade na escola. Em um universo de 10%, alguns professores disseram que "Não acho que sexualidade seja um tema relevante para a escola", outro docente disse "quando necessário". A escola é um espaço social formativo, responsável pela formação integral do ser humano, não apenas das habilidades para a vida em sociedade. Nesse cenário cabe à escola instrumentalizar os alunos para que eles sejam cidadãos éticos, reflexivos e contribuam ativamente para a construção de uma sociedade mais justa (DINIS, 2006). Dessa forma, acredita-se que o assunto da diversidade sexual, deve estar em pauta nas mais diversas disciplinas, onde deve ser fomentado o respeito às diferenças, sejam elas quais forem.



Perguntou-se aos docentes se eles acreditam que: É possível a conversão da orientação sexual de uma pessoa através de tratamentos médicos, psicológicos ou psiquiátricos? Dos 100% dos docentes. 53,34% disseram que não acreditam, 20% falaram que talvez, 16,66% disseram que acreditam. Um universo de 10% de docentes disse que outros, nessa amostra, um professor declarou que "é preciso de estudos, pesquisas" e outro disse que é necessário "um estudo esclarecedor e minucioso da Palavra de Deus em relação a esse assunto - Sexualidade".

Fica difícil pensarmos em uma educação para a diversidade em um contexto, onde existam professores que acreditam que a homossexualidade trata-se de uma patologia. Assim, é necessário um olhar para a questão do currículo, dos temas transversais das diversidades sexuais e dos aspectos formativos dos docentes. Uma escola com valores de inclusão não pode ser construída tendo como base atores que propagam a cultura de ignorância e que ajudam a fomentar o preconceito e a discriminação.

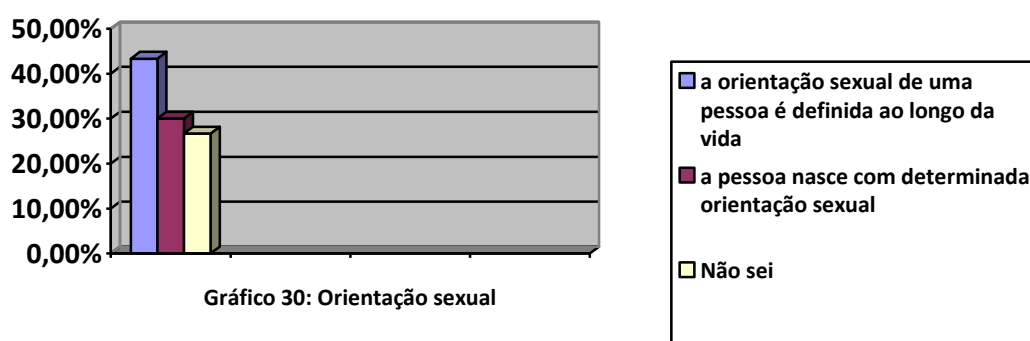


Em relação à orientação sexual, dos 100% dos respondentes 43,33% acreditam que a orientação sexual de uma pessoa é definida ao longo da vida, 30% disseram que a pessoa nasce com determinada orientação sexual e 26,67% não souberam responder. Há muitas teorias sobre as origens da orientação sexual de uma pessoa. De acordo com Barcelos (1996) a maioria dos cientistas concorda que a orientação sexual de hoje é provavelmente o resultado de uma complexa interação de fatores biológicos, cognitivos e ambientais. Na maioria das pessoas, a orientação sexual é moldada em uma idade precoce. Além disso, evidências significativas recentes sugerem que aspectos biológicos, incluindo fatores hormonais ou genéticos inatos, desempenham um papel importante na sexualidade de uma pessoa. É importante reconhecer que há provavelmente muitas razões para a orientação sexual de uma pessoa e as razões podem ser diferentes para pessoas diferentes.

Ressalta-se aqui que a orientação sexual não é uma escolha. Os seres humanos não podem optar por ser gay ou hetero. Para a maioria das pessoas, a orientação sexual surge no início da adolescência, sem qualquer experiência sexual antes. Enquanto uns optam por agir de acordo com nossos sentimentos, os psicólogos não consideram a orientação sexual uma escolha consciente que pode ser mudada voluntariamente. Dessa forma, terapias não podem mudar uma orientação sexual.

Mesmo que a maioria dos homossexuais possam viver vidas felizes e bem-sucedidas, alguns deles e ainda os bissexuais são vitimizados pelo preconceito, e pressões sociais os

empurram na busca para uma solução da reversão da orientação sexual através da terapia, muitas vezes como resultado de coerção por membros da família ou grupos religiosos. A realidade é que a homossexualidade não é uma doença. Ela não necessita de tratamento e não pode ser alterada. Gays, lésbicas e bissexuais podem procurar ajuda psicológica no intuito de buscarem uma orientação sobre as questões da sexualidade para aprenderem a lidar melhor com o preconceito.



Perguntou-se aos docentes se eles já presenciaram o preconceito e a discriminação contra homossexuais. Dos 100% dos entrevistados, 76,67% disseram que sim, 23,33% falaram que não.

Os casos de preconceito/homofobia podem ser combatidos com educação. Estudos revelam que as pessoas que têm atitudes mais positivas para com os homens gays, lésbicas e bissexuais são aquelas que conhecem bem o que eles sofrem e, muitas vezes, eles possuem um amigo ou colega de trabalho. Por esta razão, os psicólogos acreditam que as atitudes negativas em relação às pessoas homossexuais acirram os preconceitos que não são baseados na experiência real, mas em estereótipos e falta de informação (BARCELOS, 1996).

Além disso, a proteção contra a violência e a discriminação é muito importante, assim como é para qualquer outro grupo minoritário. Alguns países incluem a violência contra uma pessoa com base em sua orientação sexual como um "crime de ódio", e dez estados americanos têm leis contra a discriminação com base na orientação sexual (DINIS, 2006).

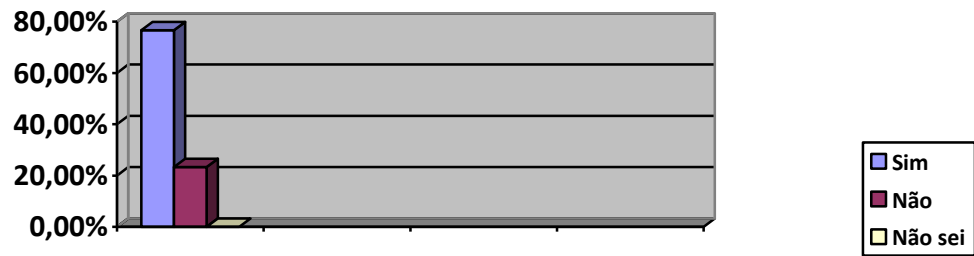


Gráfico 31: Já presenciou preconceito e discriminação contra homossexuais

Sobre presenciar casos de discriminação contra homossexuais, dos 100% dos entrevistados, 40% disseram que se indignaram e fizeram uma intervenção, 23,33% falaram que se indignaram, mas se calaram, 23,33% não responderam, 3,33% disseram que se afastaram e apenas observaram, enquanto que 10% disseram que outros.

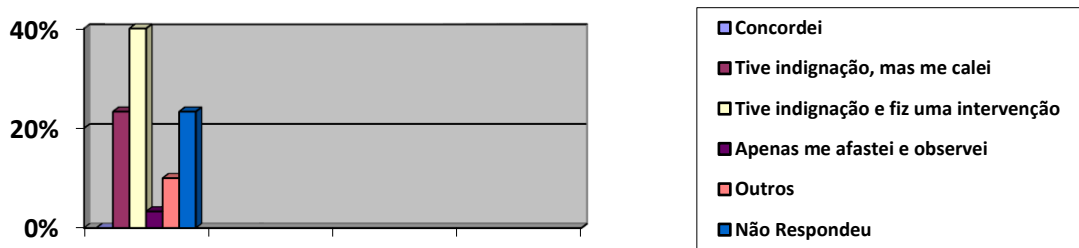


Gráfico 32: Se já presenciou, como se sentiu

Sobre a manifestação de carinho ou afeto realizada por casais heterossexuais em público, dos 100% dos docentes, 46,68% disseram que acham normal, 26,66% disseram que acham inconveniente e 26,66% disseram que outros.

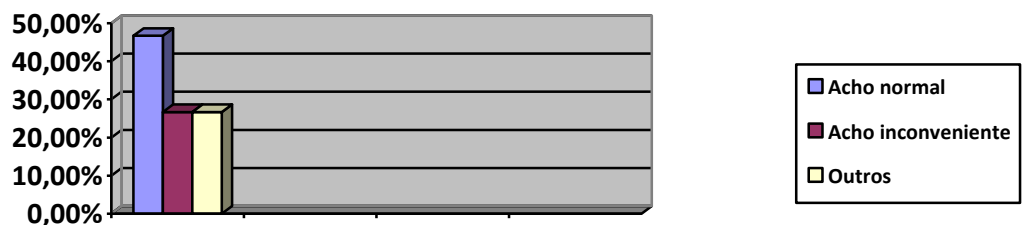


Gráfico 33: Sobre a manifestação de carinho ou afeto realizada por casais heterossexuais em público

Sobre a manifestação de carinho ou afeto realizada por casais homossexuais em público, dos 100% dos entrevistados, 33,33% disseram que acham normal, 30% disseram que acham inconveniente, 3,34% não responderam e 33,33% disseram que outros.

Fazendo uma comparação entre as manifestações de carinho entre pares heterossexuais e homossexuais, verifica-se que a maioria dos docentes acredita que é mais natural um casal heterossexual demonstrar carinho em público, do que um casal homossexual.



Gráfico 34: Sobre a manifestação de carinho ou afeto realizada por casais homossexuais em público

**Em relação ao perfil da amostra no que tange à diversidade, constatou-se que em sua maioria os docentes são heterossexuais e consideram importante a existência de políticas públicas voltadas para a comunidade LGBT. São a favor da união estável e acreditam que é de grande relevância o ensino da temática diversidade sexual na escola. A maioria não acredita que a homossexualidade seja uma patologia que precise de tratamento médico e apontaram que a orientação sexual de uma pessoa é definida ao longo da vida, eles relataram já ter presenciado casos de preconceito, mas que se indignaram e fizeram uma intervenção.**

Para que os professores pudessem expor a sua opinião mais abertamente realizou-se duas perguntas abertas.

A primeira questão foi: **Como é abordada a questão do gênero, sexualidade e diversidade dentro da escola?**

1. *Ainda não percebi nenhuma abordagem desse tema;*
2. *Abordar tais temáticas em sala de aula implica em problematizar e evitar as diferentes formas de violência praticada contra mulheres, gays, lésbicas, etc. É trazer para a sala de aula as diferentes configurações de famílias e possibilitar que pessoas de diferentes orientações sexuais se percebam contempladas nos conhecimentos elaborados nas escolas. Caso contrário, continuaremos reproduzindo preconceitos, violências homofóbicas e de gênero tão presentes no nosso cotidiano;*
3. *Quase nunca é abordado, mas creio que seja um assunto familiar;*

4. *Não é abordada. Raríssimamente, muito superficial. Essas questões são camufladas, abafadas. Não há “espaço” nessas unidades escolares para tratar desses assuntos;*
5. *Acho que é pouco abordada, ainda é um tabu, mesmo sendo colocado a todo instante pela mídia e sendo presenciado por todos nós em diversos lugares. A escola não está sendo contra, mas não abraça a causa e se mantém distante ainda;*
6. *Não tenho conhecimento;*
7. *É abordada de maneira normal e acho que em todas as escolas deveria haver aula sobre sexualidade;*
8. *São tratados com base na concepção das pessoas envolvidas na ação. O importante é que se preza o respeito às opiniões dos envolvidos buscando sempre a resolução de problemas e o bem comum;*
9. *Desconheço a existência de propostas pedagógicas neste sentido;*
10. *Não aborda todas as questões;*
11. *Essa questão raramente é abordada na escola, falta o desenvolvimento de políticas de valorização à diversidade sexual;*
12. *Não é abordado;*
13. *Concordo que o assunto ainda é tratado de forma meio “camuflada”. Não percebo muita preocupação em tratar o assunto;*
14. *Atualmente este tema é abordado com mais naturalidade, tendo em vista as mudanças ocorridas na sociedade atual, abrindo leques para discussões de um tema tão real;*
15. *De forma parcial, pois existe ainda muito preconceito e discriminação no ambiente escolar. Também há resistência em aprofundar o assunto por parte de muitos educadores;*
16. *Nunca houve abordagem;*
17. *Passando informações e tirando dúvidas dos adolescentes, pois eles precisam se conhecer, já que o sexo está presente na vida;*
18. *De maneira preconceituosa. Ela é permitida em nossas escolas. Está no livro didático, perpassa nossas concepções curriculares e as relações pedagógicas. Aparece na chamada de classe, nas brincadeiras e nas piadas;*
19. *Não sei;*
20. *O tema ainda é tratado de maneira muito tímida, inclusive ainda apresentando o caráter de tabu entre muitas pessoas;*
21. *Na Escola Estadual Fernando Spínola, no turno noturno, a questão de gênero, sexualidade e diversidade é abordada de forma democrática e respeitosa;*
22. *Não sei;*
23. *A abordagem ainda é pouca e a intervenção é feita de acordo com atos homofóbicos realizados pelos alunos que ainda não têm uma conscientização ética e social sobre o assunto;*
24. *Acho que é tratado como algo normal, porém, não vejo ser abordado pelas escolas;*
25. *Cada profissional trabalha os assuntos em momentos oportunos e utilizam a interdisciplinaridade dentro dos projetos e em sala de aula;*
26. *Deficiente;*
27. *Não é abordado;*
28. *Não existe abordagem;*

29. *Não vejo ações referentes a tais temas na escola;*
30. *Não sei responder pelo fato de estar no colégio há menos de um mês.*

De acordo com a resposta dada pelos professores, verifica-se que a questão de gênero, sexualidade e diversidade dentro da escola é muito pouco disseminada. Entre as causas que podem levar a essa falta de abordagem se destacam: uma formação docente ineficiente; a existência de uma cultura de ignorância e homofobia, onde os atores na dinâmica escolar são resistentes às mudanças de pensamento, essenciais para a desconstrução de estereótipos; e principalmente, a ausência de projetos políticos pedagógicos que orientem a abordagem da diversidade em caráter transversal e interdisciplinar no cotidiano do ensino-aprendizagem.

A segunda questão foi: **Como lida com a questão do gênero, sexualidade e diversidade dentro da escola? Se sente preparado ou despreparado?**

1. Quando percebo alguma situação e me sinto à vontade sempre faço alguma intervenção;
2. Embora a escola seja o local ideal para tratar de tais temas, não tem sido um processo fácil, pois ainda enfrentamos resistência por parte de colegas, estudantes e familiares. No meu caso, procuro enfrentar o problema e sempre abordo em minhas aulas questões referentes aos temas, pois acredito que é uma maneira de não reproduzir a lógica machista, sexista e homofóbica tão presente em nossa sociedade;
3. Sinto-me preparada dentro das minhas convicções;
4. Despreparada. Seria necessário que durante a formação acadêmica, essas questões pudessem ser integradas à formação básica e continuada dos professores para que pudéssemos desenvolver competências para lidar de forma construtiva com a diversidade, com a questão de gênero e sexualidade;
5. A escola mesmo pregando a diversidade, convivendo com a diversidade está despreparada. Acho que deveria começar primeiro com um trabalho bem feito de educação sexual, depois a questão do gênero, sexualidade e diversidade. Observo que cada setor da escola fica deixando para outro setor e ninguém assume;
6. Despreparada;
7. Sinto muito preparada. Sabe por que? O indivíduo deve conhecer o seu corpo, não deturpado na rua e sim, cientificamente certo;
8. Lido com essas questões procurando, sempre que possível, nortear-me pelo que creio: princípios bíblicos cristãos. Estes procuram o bem do homem e apresentam orientações também para as áreas social e sexual. Não imponho a minha crença. Busco o respeito mútuo visando debates esclarecedores e consciência pacífica;
9. Não há abordagens específicas para tais temáticas. Sinto-me despreparada, raramente disponibilizam cursos de formação enfocando tais temáticas;
10. Preparado, caso haja;
11. A abordagem do assunto é necessária, pois é importante que o respeito às diferenças esteja presente no currículo escolar. Afinal, informar é o primeiro passo para a quebra do preconceito. Porém, não estou preparado para abordar o assunto;
12. Dou aula sobre isso. Preparada parcialmente;



13. Acho que ainda me sinto despreparada;
14. Estou no meio termo, pois o tema é bem delicado, e com isso necessita ter conhecimento para discutir. Sempre procuro tocar no assunto para saber a opinião dos discentes;
15. Creio que ainda precisa de políticas públicas direcionadas para o ambiente escolar. Não tenho dificuldade de trabalhar o tema, mas teria dificuldade de desenvolver um projeto, pois já tentei quando trabalhei com Ética e Cidadania e não houve interesse por parte de muitos colegas;
16. Não sinto preparada;
17. Acho importante trabalhar com esse tema para acabar com o preconceito que ainda surge na sociedade. Estou preparada para fazer mudança;
18. Busco um espaço de discussão e compartilhamento de experiências para construir outras maneiras de pensar. Acredito que estarei preparada quando todos da comunidade escolar estiverem diretamente envolvidos na construção de outras formas de pensar e outras estratégias relacionadas à sexualidade na escola;
19. Despreparada;
20. Procuro abordar o tema com respeito, pois considero importante que todos tenham os seus direitos garantidos, independente de qualquer aspecto cultural, religioso, social, sexual, etc.;
21. Preparado. É preciso saber conviver e lidar com as diferenças, sejam elas: religiosa, sexual, política, gênero, etc.;
22. Não me sinto preparada para lidar com esse assunto;
23. Pela realidade dentro de casa e pelos estudos sobre o tema, me sinto preparada para lidar com tais assuntos de forma com que não afete as questões pessoais de cada indivíduo sobre religião e educação familiar, porém, na questão ético-social deixo claro o respeito para cada indivíduo independente das escolhas pessoais de cada um;
24. Me sinto preparada, pois independente da minha opinião, eu respeito a escolha de cada um;
25. Nossa sociedade é diversificada, plural, portanto, acredito que todos os profissionais em Educação devem estar preparados para abordar essas questões;
26. Me preparando;
27. Não sei;
28. Não me sinto preparada, não somente dentro da escola, mas também socialmente falando. Percebo que a nova geração é muito mais respeitosa do que a minha. Existe a necessidade de orientar não só os alunos, mas também os professores e a população. Homossexualidade não é doença, é uma opção individual e deve ser respeitada. Falta muita orientação para as famílias e algumas doutrinas religiosas;
29. Procuro conscientizar os alunos sobre a importância do respeito e da tolerância com quem quer que seja. Não podemos conviver com racismo, machismo, homofobia ou qualquer forma de preconceito e discriminação. Não me sinto totalmente preparada;
30. Lido de maneira natural em relação a estas questões; quando tenho oportunidades exponho minha opinião respeitando a opinião dos outros.

Analisando as respostas acima, deixamos grifados os que se sentem preparados para lidar com as questões do gênero, da sexualidade e da diversidade dentro da escola, observamos que a minoria se sente preparada; fica aqui um alerta da importância da adoção de estratégias que fomentem a formação docente para o esclarecimento de dúvidas e a desconstrução de

preconceitos sobre as diversidades nas orientações sexuais. Questões religiosas e culturais podem acirrar e contribuir para que seja perdurado a cultura da discriminação. A escola juntamente com as famílias são os núcleos formadores da sociedade. A base formativa das escolas são os professores, por conseguinte, a formação para lidar com as diversidades de gêneros primeiramente deve ser direcionada aos docentes, para que seja possível em conjunto com os outros atores no cotidiano escolar, a criação de uma cultura escolar que privilegie os direitos humanos, a liberdade de expressão e a inclusão.

## CONCLUSÃO

Observa-se que a questão da diversidade sexual ainda é um tabu dentro da escola analisada. Há um mito que o sexo não deve ser discutido na sala de aula, o que aumenta as divergências entre as diversidades sexuais existentes. O professor precisa estar preparado para mediar a questão da sexualidade, de forma a aproximar os alunos e diminuir as diferenças, mas não foi isso que se observou no Colégio Estadual Fernando Spínola.

A formação dos professores deve divulgar os paradigmas da nossa sociedade plural e multicultural composta por mulheres, travestis, lésbicas, negros, homens, gays, idosos, índios e tantas outras representações que compõe os espaços sociais. Faz-se necessário compreender que o respeito às diferenças é condição *sine qua non* para vivermos com justiça e liberdade.

Na escola esse assunto ainda não é abordado de forma natural, tanto por alunos quanto pelos profissionais da educação que na maioria dos casos apresentam uma verdadeira aversão a esse tema. Percebe-se uma polêmica muito grande quando se propõe trabalhar ou abordar sobre a sexualidade em sala de aula. Dessa forma, por meio da pesquisa realizada, infere-se que o currículo não contribui de forma significativa para que as escolas trabalhem as questões de gênero e diversidade sexual de modo a despreconceitualizar os indivíduos e a sociedade.

No entanto, a escola deve encarar a diversidade sexual e as questões de gênero como uma realidade, uma vez que os próprios docentes já passam a notar entre os alunos uma variedade enorme de comportamentos e desejos variados. Por conta disso, as escolas devem lidar, em termos realistas, com o que acontece no ambiente escolar, uma vez que é impossível negar o que existe de concreto na vida das pessoas. Em sala de aula, nos espaços escolares e principalmente fora dos muros das escolas, tanto alunos como professores estão vivenciando a diversidade e, por conseguinte, ela deve ser vivida e respeitada em todos os contextos sociais, inclusive na escola.

Pensar numa proposta de educação sexual que se relacione com as questões de gênero e diversidade sexual teria que ter como aspecto central a questão da liberdade, da autonomia e do diálogo. Os professores teriam que partir para uma reflexão sobre novos arranjos de relações afetivas e sexuais, sem opressão, sem violência.

Notadamente, quanto à temática da homossexualidade, da travestilidade, da transexualidade, da diversidade sexual como um todo, a escola deve se obrigar ao ensino dessa pluralidade no intuito de despreconceitualizar os indivíduos e a sociedade, caso contrário ela se manterá omissa quanto a um papel importante que é justamente a contribuição para a emancipação cultural, moral, política e intelectual da nossa sociedade.

Por fim cabe dizer que algumas datas comemorativas como o dia da mulher, dia do índio, dia da consciência negra, dia do orgulho gay ou do orgulho LGBT são importantes, pois através da celebração há a luta pelo combate ao preconceito. Contudo, o bom seria se não houvesse todos esses dias, mas tão somente, o dia do ser humano.

O ideal seria que as aulas pudessem propiciar e orientar os alunos para uma convivência com os diversos, acredita-se que esse é o verdadeiro movimento de inclusão. Os paradigmas da escola tradicional já foram superados, precisamos acompanhar a tendência dos tempos neoliberais, onde o acesso às informações está muito mais democrático. O professor deve entender a importância da inclusão dos diversos como uma missão na vida profissional.

Para nos humanizarmos perante a educação é emergente que haja uma mudança interna no professor. Sabe-se, aparentemente, que é simples sugerir a um professor que faça reflexões, que seja ouvinte, que seja compreensivo, mas afirma-se que essas mudanças de atitudes do professor para com os seus alunos é certamente uma das mais difíceis. Tudo o que falamos para os nossos alunos volta, e essa volta é com sorrisos, abraços, raiva ou indignação. Como tudo na vida, colhemos o que plantamos.

Só podemos melhorar a aprendizagem se realmente compreendermos que somos todos uma unidade e como tal, a prática do respeito deve ser valorizada e exercida diariamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMAN, Helena. **Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 2, n. 9, p. 575-585, jul./dez. 2001.
- ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Imagens quebradas - trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A Dialogic Imagination: Quatro Ensaios**. Texas: University of Texas Press, 1982.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BARCELOS, N. S. **Educação sexual: relato de uma Experiência**. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 7, p. 150-160, 1996.
- BRASIL (2004). Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra LGBT e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil\\_sem\\_homofobia.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf)>. Acesso em 13/03/16.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Combate à Discriminação**. Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra glbt e promoção da cidadania homossexual. Brasília, 2004b. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil\\_sem\\_homofobia.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf)>. Acesso em 13/03/16.
- BURR, V. **Uma Introdução ao Construcionismo Social**. New York: Routledge, 1995.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**; tradução, Renato Aguiar. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948.
- DINIS, Nilson Fernandes. **Educação, cidadania e as minorias sexuais e de Gênero**. In: SCHIMIDT, M.A.; STOLTZ, T (Org.). Educação, Cidadania e Inclusão social. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006, p. 131-135.
- \_\_\_\_\_. **Educação, relações de gênero e diversidade sexual**. Educação & Sociedade, Campinas, vol. 29, n. 103, 477-492, maio/ago, 2008.
- FARIAS, Camilo de Lélis Diniz de. Considerações acerca da violência por orientação sexual e identidade de gênero no Brasil: características, avanços e limitações. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XV, n. 102, jul 2012. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=11998&revista\\_caderno=27](http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11998&revista_caderno=27)>. Acesso em 15/03/16.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade II: uso dos prazeres**. (M.T.C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, trad., 9ª ed.). Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. 12. reimpressão. São Paulo: Atlas, 2009.

INESC. **Site**. Disponível em: <<http://www.inesc.org.br/noticias-gerais/2007/janeiro-2007/discurso-de-posse-de-lula/>>. Acesso em 31/03/16.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 28 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FURLANI, Jimena. **Sexos, Sexualidades e Gêneros: Monstruosidades no Currículo da Educação Sexual**. Educação em Revista, v. 46, p. 269-285, 2007.

GERGEN, K.J. GERGEN, M. **Construcionismo social: um convite ao diálogo**. Rio de Janeiro: Editora Instituto Noos, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Transformação da Intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J.R.D.S. **Orientação sexual na Escola: a Concepção dos Professores de Jandira – SP**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 59, n. 2, p. 157-162, de 2006.

LAVE, J; WENGER, E. **Aprendizagem Situada**. Participação periférica legítima. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. **O currículo e as diferenças sexuais e de gênero**. In: COSTA, M.V. (Org.). O currículo nos limiars do contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 85-92.

MCNAMEE, S.; GERGEN, K. **Responsabilidade Relacional: recursos para o diálogo sustentável**. Thousand Oaks Calif.: Sage, 1998.

PMVC. **Vitória da Conquista realiza primeiro casamento homoafetivo do interior da Bahia**. Mar 2013. Disponível em <<http://www.pmvc.ba.gov.br/vitoria-da-conquista-realiza-primeiro-casamento-homoafetivo-do-interior-da-bahia/>> Acesso em 26/03/16.

ROHDEN, F. **Gênero, sexualidade e raça/etnia: Desafios Transversais na Formação do professor**. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 136, p. 157-174, 2009.

SILVA, M.P.; CARVALHO, W.L.P. **O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na vivência das professoras.** *Ciência & Educação*, v. 11, n. 1, p. 73-82, 2005.

SILVA, R.C.P; NETO, J.M. **Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas.** *Ciência & Educação*, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

TELAROLLI JUNIOR, R. **Sociedade, cultura e desejo: a sexualidade humana.** In: KUPSTAS, M. (Org.). *Comportamento sexual.* São Paulo: Moderna, 1997.

UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...** São Paulo: Moderna, 2004.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas** (Gênero plural). São Paulo: Rocco, 1994.



**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**ANEXO 1**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE ALUNOS**

*Esclarecimentos*

Este é um convite para você participar da pesquisa: "**Diálogos sobre gênero e diversidade sexual no ambiente escolar do Colégio Estadual Fernando Spínola**", que tem como pesquisador responsável: **Robson Dantas Alves**.

A Pesquisa atenderá as exigências éticas e científicas, e os participantes da mesma terão seu anonimato preservado.

Esta pesquisa pretende **identificar as concepções/visões que os alunos e professores do Colégio Estadual Fernando Spínola têm acerca da relação gênero, sexualidade e diversidade para que se faça uma análise das possíveis contribuições do currículo para a superação dos preconceitos em relação à diversidade sexual e de gênero.**

Caso você decida participar, você deverá consentir e fornecer dados ao pesquisador.

Os dados da entrevista serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em arquivo, local seguro, Departamento de Pesquisa por um período de 5 anos.

Durante a realização dos procedimentos acima descritos, a previsão de riscos é mínima.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para \_\_\_\_\_, Telefone: \_\_\_\_\_, ou entrando em contato pelo meu e-mail pessoal: \_\_\_\_\_. A pesquisa ocorrerá no **Colégio Estadual Fernando Spínola**, no endereço:\_\_\_\_\_.



Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Se você tiver algum gasto pela sua participação nessa pesquisa, ele será assumido pelo pesquisador e reembolsado para você.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável \_\_\_\_\_.

### *Consentimento Livre e Esclarecido*

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa "**Diálogos sobre gênero e diversidade sexual no ambiente escolar do Colégio Estadual Fernando Spínola**", e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Vitória da Conquista, \_\_\_\_\_/06/2016.

**Assinatura do participante da pesquisa**

**Assinatura do pesquisador responsável**



**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**ENTREVISTA**

**Perfil da amostra**

**Sexo:**

- feminino
- masculino

**Idade:**

- 18-30 anos
- 30-40 anos
- 40-50 anos
- 50 ou mais

**Escolaridade:**

- Ensino fundamental
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo

**Raça:**

- branca
- negra
- parda
- amarela
- indígena
- Outros: \_\_\_\_\_.

**Renda familiar:**

- mais de 20 salários mínimos
- 10-20 salários mínimos
- 4-10 salários mínimos
- 2-4 salários mínimos
- 1-2 salários mínimos
- 1 salário mínimo
- menos do que 1 salário mínimo
- não informaram

**Religião:**

- Não possuo
- Católico
- Cristão
- Protestante
- Espírita
- Outros: \_\_\_\_\_

**Perfil da diversidade****Orientação sexual:**

- heterossexual
- homossexual
- bissexual
- Outros: \_\_\_\_\_.

**Considera importante a existência de políticas públicas voltadas para a comunidade LGBT?**

- Sim
- Não
- Talvez
- Outros: \_\_\_\_\_.

**É a favor da união estável?**

- Totalmente a favor
- Parcialmente a favor
- Totalmente contra
- Parcialmente contra
- Indiferente
- Outros: \_\_\_\_\_.

**Acha importante que o tema diversidade sexual seja abordado nas escolas?**

- É relevante
- Não é relevante
- Outros: \_\_\_\_\_.

**É possível a conversão da orientação sexual de uma pessoa através de tratamentos médicos, psicológicos ou psiquiátricos?**

- Acredito
- Não acredito
- Talvez
- Outros: \_\_\_\_\_.

**Em relação à orientação sexual, acredita que:**

- a orientação sexual de uma pessoa é definida ao longo da vida
- a pessoa nasce com determinada orientação sexual
- Não sei

**Já presenciou preconceito e discriminação contra homossexuais:**

- Sim
- Não
- Não sei

**Se já presenciou, como se sentiu?**

- Concordei
- Tive indignação, mas me calei.
- Tive indignação e fiz uma intervenção.
- Apenas me afastei e observei.
- Outros

**Sobre a manifestação de carinho ou afeto realizada por casais heterossexuais em público:**

- Acho normal
- Acho inconveniente
- Outros

**Sobre a manifestação de carinho ou afeto realizada por casais homossexuais em público:**

- Acho normal
- Acho inconveniente
- Outros



**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**ANEXO 2**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE DOCENTES**

*Esclarecimentos*

Este é um convite para você participar da pesquisa: "**Diálogos sobre gênero e diversidade sexual no ambiente escolar do Colégio Estadual Fernando Spínola**", que tem como pesquisador responsável: **Robson Dantas Alves**.

A Pesquisa atenderá as exigências éticas e científicas, e os participantes da mesma terão seu anonimato preservado.

Esta pesquisa pretende **identificar as concepções/visões que os alunos e professores do Colégio Estadual Fernando Spínola têm acerca da relação gênero, sexualidade e diversidade para que se faça uma análise das possíveis contribuições do currículo para a superação dos preconceitos em relação à diversidade sexual e de gênero.**

Caso você decida participar, você deverá consentir e fornecer dados ao pesquisador.

Os dados da entrevista serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em arquivo, local seguro, Departamento de Pesquisa por um período de 5 anos.

Durante a realização dos procedimentos acima descritos, a previsão de riscos é mínima.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para \_\_\_\_\_, Telefone: \_\_\_\_\_, ou entrando em contato pelo meu e-mail pessoal: \_\_\_\_\_. A pesquisa ocorrerá no **Colégio Estadual Fernando Spínola**, no endereço:\_\_\_\_\_.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Se você tiver algum gasto pela sua participação nessa pesquisa, ele será assumido pelo pesquisador e reembolsado para você.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável \_\_\_\_\_.

### *Consentimento Livre e Esclarecido*

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa "**Diálogos sobre gênero e diversidade sexual no ambiente escolar do Colégio Estadual Fernando Spínola**", e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Vitória da Conquista, \_\_\_\_\_/06/2016.

**Assinatura do participante da pesquisa**

**Assinatura do pesquisador responsável**



**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**ENTREVISTA**

**Perfil da amostra**

**Disciplina que leciona:** \_\_\_\_\_

**Quanto tempo leciona na escola:**

- 1-5 anos
- 5-10 anos
- 10-20 anos
- 20 ou mais

**Sexo:**

- feminino
- masculino

**Idade:**

- 18-30 anos
- 30-40 anos
- 40-50 anos
- 50 ou mais

**Escolaridade:**

- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós-graduação
- Outros: \_\_\_\_\_.

**Raça:**

- branca
- negra
- parda
- amarela
- indígena
- Outros: \_\_\_\_\_.

**Renda familiar:**

- mais de 20 salários mínimos
- 10-20 salários mínimos
- 4-10 salários mínimos
- 2-4 salários mínimos
- 1-2 salários mínimos
- 1 salário mínimo
- menos do que 1 salário mínimo
- não informaram

**Religião:**

- Não possuo
- Católico
- Cristão
- Protestante
- Espírita
- Outros: \_\_\_\_\_

**Perfil da diversidade****Orientação sexual:**

- heterossexual
- homossexual
- bissexual
- Outros: \_\_\_\_\_.

**Considera importante à existência de políticas públicas voltadas para a comunidade LGBT?**

- Sim
- Não
- Talvez
- Outros: \_\_\_\_\_.

**É a favor da união estável?**

- Totalmente a favor
- Parcialmente a favor
- Totalmente contra
- Parcialmente contra
- Indiferente
- Outros: \_\_\_\_\_.

**Acha importante que o tema diversidade sexual seja abordado nas escolas?**

- É relevante
- Não é relevante
- Outros: \_\_\_\_\_.



**É possível a conversão da orientação sexual de uma pessoa através de tratamentos médicos, psicológicos ou psiquiátricos?**

- ( ) Acredito  
 ( ) Não acredito  
 ( ) Talvez  
 ( ) Outros: \_\_\_\_\_.

**Em relação à orientação sexual, acredita que:**

- ( ) a orientação sexual de uma pessoa é definida ao longo da vida  
 ( ) a pessoa nasce com determinada orientação sexual  
 ( ) Não sei

**Já presenciou preconceito e discriminação contra homossexuais:**

- ( ) Sim  
 ( ) Não  
 ( ) Não sei

**Se já presenciou, como se sentiu?**

- ( ) Concordei  
 ( ) Tive indignação, mas me calei.  
 ( ) Tive indignação e fiz uma intervenção.  
 ( ) Apenas me afastei e observei.  
 ( ) Outros

**Sobre a manifestação de carinho ou afeto realizada por casais heterossexuais em público:**

- ( ) Acho normal  
 ( ) Acho inconveniente  
 ( ) Outros

**Sobre a manifestação de carinho ou afeto realizada por casais homossexuais em público:**

- ( ) Acho normal  
 ( ) Acho inconveniente  
 ( ) Outros

**Como é abordada a questão do gênero, sexualidade e diversidade dentro da escola?**

---



---



---



---

**Como lida com a questão do gênero, sexualidade e diversidade dentro da escola? Se sente preparado ou despreparado?**

---



---



---



---

### ANEXO 3

#### SÍNTESE SOBRE AS OFICINAS APLICADAS COM OS ALUNOS

Desenvolveu-se a aplicação de Oficinas durante 2 bimestres letivos, correspondentes ao período de 03 de junho a 07 de outubro, nas sextas-feiras (num total de 8) em datas pré-determinadas utilizando-se duas aulas da disciplina Ciências, cedidas pela professora que ministra a matéria e em comum acordo com a direção do colégio. A abordagem das oficinas envolveu as temáticas sexualidade, gênero e diversidades sexuais, tendo como suporte a utilização da série de Fascículos *Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares, do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE)*, produzido pelo Ministério da Saúde e pelo Ministério da Educação, no ano de 2011.

Observou-se no primeiro momento um certo tabu ou vergonha no sentido de os alunos pronunciarem abertamente o nome de seus órgãos genitais utilizando-se de certos apelidos criados pela cultura ou pela sociedade em que estão inseridos. Pôde-se debater e analisar o fato de que as conquistas sociais e por direitos de igualdade estão intrinsecamente ligados às diferenças percebidas ao longo da história da humanidade, sejam culturais, sexuais, de gênero, raciais, dentre outras. Demonstraram interesse na conceituação de gênero e identidade de gênero. Embora já tenham ouvido os termos travestis e transexuais nenhum deles sabiam conceituar e permaneceram atentos e até surpresos quanto a devida definição, visto que imaginavam se tratar de coisas com outros significados e houve o esclarecimento desejado. Na segunda parte da primeira oficina intitulada “Um conceito chamado gênero” percebeu-se uma maior desenvoltura dos alunos, com uma larga participação nas discussões. Na fala dos alunos ficou claro o respeito que se deve ter pelos aspectos relacionados à diversidade de gênero e à diversidade sexual, porém, para a grande maioria, as convicções religiosas imperam sobre o que é tido como certo ou errado. No discurso dos alunos é claro o fato de que nem todas as pessoas precisam aceitar ou concordar com o comportamento diverso dos seres humanos, porém, não se tem o direito de agredi-los e demonstrarem comportamento homofóbico, sendo citado um exemplo de que “*seria impossível uma pessoa gostar de café e obrigar a todos a também apreciar a mesma bebida de sua preferência*”. Houve relatos por parte de alguns alunos da disseminação das informações absorvidas na primeira oficina, no ambiente em que eles trabalham, no qual alguns colegas não detinham o conhecimento sobre certas definições acerca da temática trabalhada. Por meio de atividades realizadas na terceira parte da oficina 1, os alunos puderam refletir sobre os aspectos da socialização feminina e masculina que transformam as diferenças entre homens e mulheres em desigualdades. Nessa reflexão, podem-se destacar as seguintes falas dos alunos: “*inconscientemente, os pais acabam estimulando o preconceito nos filhos quando proíbem os meninos de brincarem com as meninas*”; “*existem tantos homens dançarinos que rebolam até melhor que as mulheres e não vejo nada de mais, nem por isso eles deixam de ser homem ou vão ser gay*”; “*queremos uma sociedade bem sucedida, ou seja, aquela sociedade que vive em harmonia, sem preconceitos*”; “*imaginem se todos fossem iguais, como seria terrível!*”. Durante as discussões, alguns alunos trouxeram relatos de casos vistos em programas de TV ou de membros de sua própria família, acerca de pessoas que fizeram a opção de mudança do sexo biológico, o que gerou debate acerca do tema transexualidade.

Na oficina 2, com o tema “Família Hoje”, os participantes puderam conhecer os diferentes tipos de família existentes e refletir sobre a divisão das tarefas masculinas e femininas com base nos papéis atribuídos aos sexos. Por meio da atividade proposta, os alunos perceberam que não existe um tipo de família ideal e o importante é a consideração e o afeto que sempre

devem estar presentes no núcleo familiar, além da união e do diálogo que são fatores imprescindíveis em qualquer relacionamento. A partir de uma atividade desenvolvida em grupo, foi estimulado aos participantes que criassem uma lista com diversos trabalhos realizados pelos membros da família e concluiu-se que hoje em dia praticamente não existe distinção quanto à realização das atividades realizadas pelo gênero masculino ou feminino, embora ainda haja os estereótipos. Perceberam também que a cultura ainda influencia na classificação e divisão das tarefas.

Na quinta semana, em que se ministrou a oficina 3 com a temática “É ou não é?” os alunos puderam debater preconceitos associados à questão da orientação sexual de modo a problematizá-los. Foi apresentado termos como drag queens e crossdressers, sendo este último desconhecido entre todos os participantes e gerando certa curiosidade.

A oficina 4 intitulada “Situações desafiadoras” possibilitou o reconhecimento das diferentes formas de orientação sexual afetiva, bem como as distintas manifestações de gênero e da sexualidade como um direito inalienável. Foram apresentadas algumas curiosidades históricas sobre diversidade sexual e houve bastante interação entre os participantes, que por sua vez, deram contribuições a partir de relatos semelhantes nas representações do cinema, com filmes que se passaram na Grécia Antiga.

A oficina 5, com o tema “Qualquer maneira de amor vale a pena” procurou incentivar os participantes a perceberem que a afetividade entre pares homossexuais é natural e deve ser respeitada. Foi trabalhada a abordagem de termos como a homofobia e a heteronormatividade e, a partir destes, construído o conceito de que toda pessoa deve ser tratada com respeito e dignidade. Finalizou-se a oficina com a exibição do vídeo **Toda Forma de Amar** e posterior discussão e comentário do mesmo, disponível no You Tube no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=K6QWp96yJQY>.

Na última oficina ministrada na oitava semana, trabalhou-se a temática “Diversidades e violências” tendo o objetivo de discutir as diversas formas de violência e agressão do cotidiano na escola e no espaço público, especialmente em relação a adolescentes e jovens LGBT. Houve uma avaliação, de forma lúdica, a partir da construção de painéis, com as temáticas desenvolvidas ao longo das 8 semanas de oficinas, buscando um feedback das abordagens e discussões.

Ao fim das oficinas pôde-se concluir a importância em se trabalhar as temáticas relacionadas a gênero e diversidade sexual no contexto escolar desde os anos iniciais do aluno, visto que é um assunto vivenciado naturalmente por todos no próprio ambiente escolar como também na sociedade, de uma forma geral. Observa-se que no adulto já existe um “pré” conceito sobre os termos e sobre a cultura enraizada em cada um, algumas vezes difícil de ser mudada ou transformada. Os participantes envolvidos na oficina demonstraram a consciência da necessidade de se respeitar o próximo, suas escolhas na questão de identidade de gênero ou diversidade sexual, muito embora, no âmbito, pôde-se perceber que diante das convicções religiosas, muitos alunos ainda discordam de certas condutas e comportamentos adotados e acabam expressando sua estranheza e não aprovação do que ainda consideram como fora do padrão de normalidade imposta pela cultura e sociedade em que estão inseridos. Importante, pois, é o papel da educação no sentido de conviver com o multiculturalismo, a pluralidade, a diversidade dos povos, dos gêneros, afinal, antes de tudo é preciso que não se esqueçam de que todos são seres humanos e devem ser tratados com respeito e dignidade, aspectos basilares para a liberdade dos indivíduos e, sobretudo, para uma sociedade democrática.

## ANEXO 4

### *OFICINA 1: UM CONCEITO CHAMADO GÊNERO*

#### **OBJETIVOS:**

- Conceituar gênero, sexo e identidade de gênero;
- Reconhecer que existem diversas feminilidades e masculinidades;
- Refletir sobre os aspectos da socialização feminina e masculina que transformam as diferenças entre homens e mulheres em desigualdades.

**Gênero** é como nós somos socializados, ou seja, é formado pelas atitudes, comportamentos e expectativas que a sociedade associa ao que é ser homem ou ser mulher. Elas podem ser aprendidas com os(as) amigos(as), a família, na instituições culturais, educacionais e religiosas ou ainda nos locais de trabalho.

**Identidade de Gênero** refere-se à experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo biológico. A identidade de gênero inclui a consciência pessoal do corpo, no qual podem ser realizadas, por livre escolha, modificações estéticas ou anatômicas por meios médicos, cirúrgicos ou outros. Lembremos em especial das pessoas transexuais masculinas e femininas e das travestis. Todos(as) nós temos nossa identidade de gênero, pois trata-se da forma que nos vemos e queremos ser vistos, reconhecidos e respeitados, como homens ou como mulheres.

#### **Questões a serem respondidas:**

1. O que é ser mulher?
2. O que é ser homem?
3. Como as crianças aprendem qual deve ser o comportamento de uma mulher ou de um homem?
4. Em quais lugares e espaços sociais estão as mulheres? E os homens?
5. Em que situações uma adolescente ou jovem se sente discriminada pelo fato de ser mulher?
6. Em que situações um adolescente ou jovem se sente discriminado pelo fato de ser homem?

#### **Conclusões:**

- Gênero se refere ao conjunto de relações, atributos, papéis, crenças e atitudes que definem o que significa ser mulher ou homem na vida social.
- Na maioria das sociedades, as relações de gênero são desiguais e desequilibradas, no que se refere ao poder atribuído a mulheres e homens.

- As desigualdades de gênero se refletem nas leis, políticas e práticas sociais, assim como nas identidades, atitudes e comportamentos das pessoas.
- As relações de gênero, quando desiguais, tendem a aprofundar outras desigualdades sociais e econômicas e contribuem para a manutenção de contextos, atitudes e comportamentos violadores dos direitos humanos, tais como a discriminação em função da classe socioeconômica, nível de escolaridade, raça, etnia, idade, orientação sexual, condições de saúde ou deficiência, dentre outras.
- Os atributos e papéis relacionados ao gênero não são determinados pelo sexo biológico. Eles são construídos historicamente e socialmente e podem ser transformados.

## ANEXO 5

### OFICINA 2: FAMÍLIA HOJE

#### OBJETIVOS:

- Conhecer os diferentes tipos de família existentes;
- Refletir sobre a divisão das tarefas masculinas e femininas com base nos papéis atribuídos aos sexos.

#### DISCUSSÃO DAS SEGUINTEs QUESTÕES:

1. Que tipos de família aparecem nos “retratos”?
2. Existe um tipo ideal de família? Qual seria?
3. Qual o papel da família em nossa sociedade?
4. A partir de nossas experiências pessoais e profissionais, que tipos de famílias encontramos na região em que vivemos ou trabalhamos?
5. O que é família?

TAREFAS	HOMENS	MULHERES	AMBOS

#### Questões a serem respondidas:

1. Como adolescentes e jovens contribuem para a manutenção da casa e da família?
2. O que define a divisão de trabalho dentro de uma casa? O fato de ter nascido homem ou mulher? Ou a cultura é que estabelece quem faz o quê?
3. Como seria possível dividir melhor as tarefas e as decisões dentro da família?

**Conclusões:**

- A família costuma ser definida como o primeiro grupo ao qual uma pessoa pertence e cumpre um papel determinante na sua socialização e no desenvolvimento da sua personalidade;
- É na família, também, que ocorrem as primeiras experiências afetivas, fundamentais para o desenvolvimento emocional de uma criança e, futuramente, pela forma como essa pessoa se relacionará com o mundo;
- Nos últimos anos, podemos perceber mudanças na forma como a família vem-se organizando. A cada dia, reconhecemos novos arranjos familiares: crianças e adolescentes que vivem com pais e mães casados com outras pessoas, com pais/mães adotivos(as), com pais/mães gays/lésbicas, com avós, somente com a mãe ou com o pai, por exemplo;
- A constituição familiar, sua estrutura e suas regras de funcionamento variam, dependendo do grupo cultural e do período histórico em que a família está inserida;
- Estereótipo é uma generalização abusiva que distorce a realidade. Um exemplo de estereótipo é representar as mulheres sempre fazendo as tarefas domésticas e os homens sempre como chefes de família, incapazes de afeto ou sentimentos ou de cuidar dos(as) filhos(as);
- Outro estereótipo é achar que um arranjo familiar diferente do pai + mãe + filhos significa que a família é desestruturada e que, portanto, os(as) filhos(as) darão problemas nas escolas, as meninas engravidarão na adolescência ou que os meninos serão usuários de drogas.
- O estereótipo limita a atuação e a vida das pessoas, reduzindo ou negando sua autonomia e capacidade de mudança em determinadas questões. Além disso, limita as possibilidades da sociedade aproveitar as capacidades de todas as pessoas.

**Está no ECA!**

O Capítulo III do Estatuto da Criança e do Adolescente – Do Direito à Convivência Familiar e Comunitária – traz entre seus artigos o seguinte:

**Art. 19** - Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes.

**Art. 20** - Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.

## ANEXO 6

### *OFICINA 3: É OU NÃO É?*

#### **OBJETIVOS:**

- Debater preconceitos associados à questão da orientação sexual de modo a problematizá-los.

#### **LEITURA DO POEMA:**

**Minhas mãos**  
 (Elisabete Navet)  
 [...]  
 Ah! Minha amada!...  
 Estas mãos sempre ter pertenceram  
 De forma absoluta e plena,  
 Como se fosse o amor incondicional  
 De duas fêmeas que se desejam!

#### **Questões a serem respondidas:**

1. Por que se diz que os(as) heterossexuais são normais e as demais orientações e manifestações da sexualidade são desvios de caráter ou pouca vergonha? O que você acha disso?
2. Quem define a “normalidade”? Baseado em que critérios?

#### **Conclusões:**

- Existem três tipos de orientação sexual: a hetero, a homo e a bissexual. Uma pessoa heterossexual sente desejo por pessoas de outro sexo. A homossexual (lésbicas e gays) inclina-se por pessoa(s) do mesmo sexo. Os e as bissexuais sentem atração por pessoas tanto do sexo feminino quanto do masculino;
- Um(a) homossexual não opta por ser assim, assim como o heterossexual não escolhe sua preferência. É uma característica espontânea, resultante de um conjunto de fatores. Sendo assim, não há como um(a) homossexual fazer com que outra pessoa tenha a mesma orientação sexual que ele(a). Só o próprio indivíduo conhece de fato os seus desejos, tendo a opção de vivenciá-los ou negá-los;
- Transexuais e travestis são pessoas cuja expressão de gênero (masculino **e/ou** feminino) vai muito além do comportamento que se espera delas socialmente em função do sexo biológico. Elas constroem seu corpo a partir de sua identidade de gênero, isto é, a forma como se sentem e se portam como homes ou mulheres;



- Travestis são pessoas cuja identidade de gênero não se enquadra em nenhuma referência preestabelecida: masculino ou feminino. A travesti rompe com essa norma por constituir uma identidade que está para além dos gêneros e para além de ser homem ou de ser mulher. A travesti é travesti;
- Transexuais são pessoas cuja identidade de gênero é oposta ao sexo biológico (de nascimento), com desejo de viver e de serem reconhecidas por essa identidade. Elas podem, também, demonstrar sentimento de inadaptação às características sexuais de seu corpo, inclusive os órgãos genitais, podendo buscar meios de adaptá-los a essa identidade constituída e vivida;
- *Drag queens* ou *drag kings* são pessoas que constroem um(a) personagem do sexo oposto, a partir de uma performance corporal e artística, utilizando roupas e adereços para uma releitura estilizada e humorada dos estereótipos de gênero. Ao fazer isso, podem estar no fundo questionando as hierarquias e desigualdades. Não necessariamente essas pessoas são homossexuais;
- *Crossdressers* são homens que, independentemente de sua orientação sexual, constroem um personagem feminino, interpretado mais no âmbito doméstico que no público. Diferenciam-se das *drag queens* ou *drag kings* porque seus personagens buscam muito mais uma ilusão de ótica do gênero feminino do que sua releitura estilizada e humorada;
- Vale reforçar que sentir atração afetivo-sexual ou desejar uma pessoa do mesmo sexo e superar os limites das normas de gênero não é um erro da natureza: trata-se de diversas formas da construção da identidade, da expressão da sexualidade e da capacidade de amar que todo ser humano possui;
- A orientação sexual (hetero, homo e bissexual), seja ela feminina ou masculina, e a identidade de gênero, não são doenças nem perturbações mentais. Portanto, é descabida a ideia de que é possível “curar” essas manifestações de identidade e sexualidade. Fazer isso seria uma enorme violência contra aquilo que cada um(a) tem de mais íntimo e profundo.

## ANEXO 7

### *ALVES OFICINA 4: SITUAÇÕES DESAFIADORAS*

#### **OBJETIVOS:**

- Reconhecer a existência das diferentes formas de orientação sexual afetiva;
- Reconhecer as distintas manifestações de gênero e da sexualidade heterossexual, homossexual, bissexual, travesti e transexual como um direito inalienável.

#### **Diversidade Sexual**

- Refere-se ao conhecimento das diferentes possibilidades de expressão de gênero e da sexualidade ao longo da existência dos seres humanos. [...]
- A aceitação da diversidade sexual varia de acordo com os costumes de determinada época e com o tipo de sociedade.

#### **Curiosidades Históricas sobre diversidade sexual**

Na Grécia antiga, onde a homossexualidade era prática comum, não havia um termo específico para designá-la. O filósofo Sócrates (469-399 a.C) acreditava que o amor e o sexo entre dois homens inspiravam a criatividade e o conhecimento. Achava que o sexo heterossexual servia apenas para produzir crianças. Nessa época, também, o exército encorajava o alistamento de casais homossexuais, pois acreditavam que, juntos, eles seriam melhores soldados e que lutariam até a morte.

A mais famosa lésbica da história foi Safo (610-580 a.C.). Ela viveu na ilha de Lesbos, daí a palavra. Casada, inicialmente com um homem rico, foi trabalhar em uma escola de meninas quando enviuvou. Apaixonou-se por uma de suas alunas, Átis, que foi tirada da escola pelos pais pela fofoca que rolou por toda a ilha.

#### **Questões a serem respondidas:**

1. Que tipo de preconceito existe em relação a quem gosta de pessoas do mesmo sexo? Por quê?
2. Se um(a) amigo(a) contasse a você que sente atração pelo mesmo sexo, o que você faria?
3. Que tipo de preconceito e discriminação um gay costuma enfrentar em sua vida? E uma lésbica? E uma pessoa bissexual?
4. Que tipo de preconceito e discriminação travestis costumam enfrentar?
5. Que tipo de preconceito e discriminação transexuais costumam enfrentar?
6. O que os(as) heterossexuais têm com isso? Será que o preconceito também os(as) afeta? Como?

**Conclusões:**

- Existem muitas e variadas formas de ser homem ou ser mulher. Existem, também, diferentes formas de viver, de expressar a sexualidade, de amar, de desejar;
- Os papéis relacionados aos homens e às mulheres são culturalmente definidos, ou seja, uma pessoa nasce macho ou fêmea, mas a maneira de ser homem ou de ser mulher é aprendida de acordo com o que é considerado “desejável” por uma determinada sociedade. Em nossa sociedade, por exemplo, espera-se que os homens sejam viris, machos, heterossexuais, determinados, fortes. Por outro lado, espera-se que as mulheres sejam maternais, delicadas, femininas, dóceis. Isso cria uma camisa de força, por isso deve ser questionado, pois, de alguma forma, tolhe a liberdade e a felicidade de todas as pessoas;
- Sentir atração afetivo-sexual ou desejar uma pessoa do mesmo sexo não é um erro de natureza, é apenas mais uma forma de expressão da sexualidade e da capacidade de amar do ser humano. A homossexualidade (feminina e masculina), a bissexualidade de ambos os sexos, a transexualidade e a travestilidade não são desvios morais, perturbações mentais, nem sem-vergonhice. Portanto, não cabe a ideia de que é possível “curar” essas manifestações de sexualidade;
- A atração sexual e afetiva pelo mesmo sexo é algo tão antigo quanto a humanidade e não existe nenhuma razão que justifique atitudes desrespeitosas e de discriminação em relação a pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo. Em vez de julgar, é necessário aprender a conviver com as diversidades;
- A homossexualidade é a orientação sexual e afetiva em direção a pessoas do mesmo sexo. Lésbicas, gays e bissexuais não optam por ser como são, da mesma forma que um(a) heterossexual não escolhe sua condição afetivo-sexual. É uma característica espontânea, resultado de um conjunto de fatores. Sendo assim, não há como um(a) homossexual fazer com que outra pessoa tenha a mesma orientação sexual que ele(a). Só o próprio indivíduo conhece de fato os seus desejos, tendo a opção de vivenciá-los ou negá-los;
- Tudo o que foge aos padrões estabelecidos de masculinidade e de feminilidade é, muitas vezes, visto com estranhamento. É desse estranhamento que surgem os preconceitos e, conseqüentemente, a discriminação. O que precisa ser combatido é a discriminação e não o afeto e o amor.

## ANEXO 8

### *OFICINA 5: QUALQUER MANEIRA DE AMOR VALE A PENA*

#### **OBJETIVOS:**

- Incentivar os(as) participantes a perceber que a afetividade entre pares homossexuais é natural e deve ser respeitada.

#### **No país de Blowmink (Cláudio Picazio)**

Blowmink é um país onde se proíbe o relacionamento afetivo e sexual entre pessoas do sexo oposto. O homem não pode sentir desejo, atração ou tesão nem amar romanticamente uma mulher. E a mulher também não pode sentir desejos afetivo-sexuais por um homem.

Isso só pode ocorrer entre pessoas do mesmo sexo. Os bebês são gerados em provetas e inseminados artificialmente, dando opções maiores aos pais sobre as características que poderão desenvolver. Existem pessoas que tentam quebrar as regras de Blowmink, relacionando-se com pessoas do sexo oposto ao seu, mas são excluídas da sociedade e vivem em guetos.

Ivan e Marina moravam em Blowmink e frequentavam a mesma escola. Um dia perceberam que algo estranho estava acontecendo entre eles. Tentaram disfarçar, mas foi inevitável que acabassem conversando sobre o desejo que estavam sentindo um pelo outro. Sentiram-se muito angustiados, porque perceberam que eram diferentes das outras pessoas, seus pais não aprovariam e talvez fosse até expulsos da escola.

Marina e Ivan tentaram não deixar que a atração se transformasse em atitude. Mas numa tarde, voltando para casa, não resistiram e, depois de se esconderem atrás de algumas árvores em um parque, beijaram-se apaixonadamente. Eles estavam próximos ao colégio onde estudavam. Os amigos de Ivan, que estavam jogando ali perto, viram a cena e ficaram horrorizados. Xingaram Ivan de “hetero” sujo e deram-lhe alguns pontapés. A direção da escola ficou sabendo e imediatamente os expulsou da instituição, para que não contaminassem os outros alunos.

Os dois pais de Ivan mandaram-no embora de casa, indignados. Marina teve mais sorte. Foi encaminhada para um psicoterapeuta, que explicou à família que os sentimentos de Marina por Ivan não eram doença, nem opção. Esclareceu que ela era normal, igual às outras mulheres, e que a diferença estava em quem ela desejava para amar. [...] Mesmo assim, as duas mães de Marina pediram que ela não se relacionasse mais com alguém do sexo oposto ao seu. Marina mesmo sabendo que era normal e igual às outras pessoas, sentiu-se indignada por haver sido rejeitada só porque amava diferente, enquanto os amigos que a haviam agredido não tinham sofrido qualquer repressão.

Ivan tentou se relacionar com outros meninos, cumprindo o que era esperado pela sua família e pelas normas e valores de Blowmink. Resolveu não viver mais o seu desejo até que pudesse ser independente.

Marina continuou a procurar alguém que sentisse o mesmo que ela e amigos que respeitasse o seu desejo.

### Debate a partir das seguintes questões:

1. Do que trata esse texto?
2. O que há em comum entre a sociedade e a cultura blowminkiana e a nossa?
3. Quem determina o que é certo e legítimo em uma sociedade?
4. Quem determina o que é errado e que, portanto, merece punição?
5. Vocês conhecem alguma situação em que algo que era considerado errado ou anormal passou a ser considerado certo e normal? Como foi esse processo?

### Questões a serem respondidas:

1. Quais são as formas de desrespeito que adolescentes e jovens homossexuais e bissexuais enfrentam?
2. Por que é difícil para muitas pessoas aceitar o relacionamento afetivo e sexual entre pessoas do mesmo sexo?
3. Que tipo de discriminação ou de situação de violência vocês já viram ou ouviram contra gays, lésbicas ou bissexuais?
4. O que você pensa sobre isso?

### Conclusões:

- A homofobia é derivada da heteronormatividade (isto é, a norma que diz que todo mundo deve ser heterossexual) e é um termo que tem sido empregado para descrever a repulsão a indivíduos homossexuais e o medo que se sente deles. Repousa em um conjunto de crenças que pressupõe que a heterossexualidade é a única forma de sexualidade “natural”, “normal” e “aceitável”. Dizemos que um ato ou postura é homofóbica quando se manifesta em ações hostis e discriminatórias, não raro marcadas por atitudes violentas, baseadas unicamente na rejeição à orientação sexual do outro.
- Mesmo quando não chega a ocorrer violência física, muitos indivíduos com orientação sexual homo ou bissexual são ridicularizados, objetos de escárnio ou discriminação. Aliás, isso pode acontecer até mesmo com uma pessoa heterossexual simplesmente porque se *suspeita* que ela não seja heterossexual. E que isso é inaceitável porque fere os direitos das pessoas. Independentemente de sua orientação sexual e de sua identidade de gênero, isso é, independentemente de alguém se portar de forma mais ou menos masculina ou feminina, de amar este ou aquele sexo, **TODA PESSOA DEVE SER TRATADA COM RESPEITO E DIGNIDADE.**

## ANEXO 9

### *OFICINA 6: DIVERSIDADES E VIOLÊNCIAS*

#### **OBJETIVOS:**

- Discutir as diversas formas de violência e agressão do cotidiano na escola e no espaço público, especialmente em relação a adolescentes e jovens LGBT.

#### **Questões a serem respondidas:**

1. Como nos sentimos quando somos vítimas de ações agressivas? E quando somos agressores?
2. De que maneira percebemos que cometemos uma agressão?
3. Como se pode interromper uma onda de agressões?
4. Como podemos ajudar alguém que está ou que já passou por um tipo de agressão, como a ameaça de uma surra?
5. Você já presenciou alguma cena de agressão ou de xingamento contra jovens LGBT? O que aconteceu? Que atitudes você tomou?
6. O que podemos fazer coletivamente na escola em que estudamos para evitar agressões e xingamentos contra LGBTs?

#### **Conclusões:**

- Há diversas formas de violência (física, psicológica, moral, sexual, institucional, doméstica, intrafamiliar) e todas elas são consideradas violações de direitos humanos. Quando falamos desse assunto, geralmente pensamos em pessoas malvadas, que agredem, roubam e matam. Entretanto, se prestarmos atenção, vamos ver que existem outras possibilidades de exercício da violência que estão presentes o tempo todo nas relações entre as pessoas. Alguns exemplos:
  1. **Um pai ou uma mãe que bate em um filho em vez de tentar conversar;**
  2. **Uma pessoa que menospreza outra por características como cor da pele, idade, classe social, orientação sexual, religião;**
  3. **Uma pessoa que se utiliza de outra, por meio do abuso de autoridade, da chantagem ou da ameaça para obter o que deseja;**
  4. **Uma pessoa que trata a outra com indiferença, desrespeito, desdém.**
- A violência está sempre próxima. Ao contrário do que imaginamos, a violência não está só nas notícias dos jornais e do lado de fora de nossa casa. Ela já se manifesta, por

exemplo, numa atitude de desprezo perante uma pessoa por ela ser diferente fisicamente, por pensar ou agir de modo diverso do nosso.

- Na maioria das vezes, a segregação que o(a) aluno(a) homossexual sofre somente é notada pelo grupo de colegas mais próximos. A **discriminação velada** se manifesta por palavras irônicas, expressões fisionômicas, gestos, imitação desdenhosa ou representação de trejeitos. Quase sempre são insinuações em que fica difícil comprovar a intenção maldosa. Raramente o(a) aluno(a) homossexual vai procurar ajuda temendo receber represálias dos(as) adultos(as) e colegas que podem dizer “você mereceu!”. Por isso mesmo, o sofrimento desses(as) adolescentes e jovens é enorme. A única maneira de combater a discriminação velada é estar atento para as brincadeiras, insinuações e zombarias muito comuns entre adolescentes e jovens e não permitir que passem despercebidas. Sempre que possível, procure conversar com o grupo sobre as diferenças individuais e sociais, em particular sobre a diversidade sexual, étnica, racial e de gênero, permitindo que tirem suas dúvidas.
- **A discriminação aberta**, por sua vez, é a rejeição explícita, a ofensa dirigida a alguém de forma declarada, para que todos vejam e ouçam. A discriminação aberta pode se expressar por meio de:
  1. Agressões verbais – os(as) jovens e adolescentes costumam ofender com palavras cujo significado relaciona-se à homossexualidade, mesmo quando não estão se referindo a ela especificamente. Na verdade, não é a palavra que ofende, é a intenção, percebida pelo contexto e pela entonação de quem fere. Os insultos, as humilhações são claras manifestações de violência e de agressão.
  2. Agressões físicas – são os tapas, empurrões, chutes e socos, que podem provocar lesões, pôr em perigo a integridade, a saúde e a vida de outra pessoa.